



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
CURSO: LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Luís Felipe de Freitas Costa

**FILMES COMO RECURSO DIDÁTICO PARA COMPREENSÃO DA PAISAGEM
NAS AULAS DE GEOGRAFIA DO 6º ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL NOS
ANOS FINAIS**

**Teresina (PI)
2023**

Luís Felipe de Freitas Costa

**FILMES COMO RECURSO DIDÁTICO PARA COMPREENSÃO DA PAISAGEM
NAS AULAS DE GEOGRAFIA DO 6º ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL NOS
ANOS FINAIS**

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Eduardo de Abreu Paula.

Teresina (PI)

2023

C837f Costa, Luis Felipe de Freitas.

Filmes como recurso didático para compreensão da paisagem nas aulas de geografia do 6º ano no ensino fundamental nos anos finais / Luis Felipe de Freitas Costa. - 2023.

80f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Curso de Licenciatura Plena em Geografia, Campus Poeta Torquato Neto, Teresina - PI, 2025.

"Orientador: Prof. Dr. Jorge Eduardo de Abreu Paula".

1. Geografia. 2. Paisagem. 3. Recurso Didático. 4. Filmes. I. Paula, Jorge Eduardo de Abreu . II. Título.

CDD 910.7

Luís Felipe de Freitas Costa

**FILMES COMO RECURSO DIDÁTICO PARA COMPREENSÃO DA PAISAGEM
NAS AULAS DE GEOGRAFIA DO 6º ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL NOS
ANOS FINAIS**

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Aprovado em: _____ / _____ / 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jorge Eduardo de Abreu Paula
Doutor em Ciências Marinhas Tropicais – UESPI
Presidente

Profa. Dra. Maria Luzineide Gomes Paula
Doutora em Geografia – UESPI
Membro

Profa. Ms. Gildênia Lima Monteiro
Mestra em Geografia – UEMA
Membro

*Dedico esse trabalho a Deus, por me conceder força
e dedicação e por ser minha fonte de sustento e
amparo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder força e dedicação, sendo minha fonte de sustento e conforto. Sou grato pelas oportunidades que me foram apresentadas, permitindo-me crescer e evoluir como ser humano.

Em segundo lugar, tenho uma imensa gratidão ao meu avô, Luis Gonzaga de Freitas, que, mesmo não estando entre nós, continua sendo minha fonte de inspiração. Ele foi um homem trabalhador, resiliente e inteligente, cujo exemplo moldou a pessoa que sou hoje.

Sou grato aos meus pais, minha mãe, Francinete Maria Freitas Costa, e meu pai, José Ludgero Costa, por todo apoio, dedicação e sacrifício, proporcionando-me o suporte emocional e material que me permitiu chegar até aqui.

Agradeço aos meus amigos da Universidade, em especial, minha amiga Livya Calyne Linhares de Moura Costa, pela parceria durante o curso de Geografia. Agradeço também aos demais colegas e amigos que sempre estiveram presentes nessa caminhada: Edson Osterne, Ana Clara, João Carlos, e minha amiga Valéria dos Santos, que, mesmo não estando mais no curso, ainda se faz presente na minha vida. Agradeço ainda aos meus amigos do Sebo Literário THE, em especial Fabricio Castro, João Victor e Afonso.

Expresso minha profunda gratidão aos meus professores de Geografia da UESPI, pela dedicação, por compartilharem seus conhecimentos e demonstrarem um imenso compromisso com o aprendizado. Em especial, agradeço à professora Elisabeth Baptista, sempre tão organizada, atenciosa e disposta a ajudar; à professora Luzineide, carinhosamente chamada de Neide, cujas aulas sempre dinâmicas e divertidas tornavam a experiência enriquecedora. Agradeço ao professor Jorge Eduardo de Abreu Paula, uma referência de compromisso, organização e dedicação ao curso de Geografia, pelo aceite e disponibilidade em orientar esta pesquisa, fundamental para o sucesso deste projeto.

Por fim, quero expressar minha gratidão à minha querida namorada, Edivana Rocha Carvalho, uma pessoa linda, maravilhosa, inteligente e muito esforçada, também aluna do curso de Geografia. Seu apoio foi crucial para a realização dessa tão sonhada etapa. Sou imensamente grato pelo seu carinho, atenção e companheirismo. Amo muito você!

A todos, meu profundo agradecimento.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa monográfica tem por objetivo investigar o filme enquanto recurso didático como forma de fortalecer o ensino de Geografia no que concerne a compreensão do conceito de paisagem no 6º ano do Ensino Fundamental nos Anos Finais, para isso discorre sobre a concepção da paisagem na Geografia e como é trabalhada nas aulas de Geografia através do livro didático a partir do que consta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e posto isso sugerir estratégias para o uso de filmes nas aulas de Geografia para trabalhar o conteúdo relacionado a Paisagem. A metodologia da pesquisa é quali-quantitativa, com a realização de pesquisa de campo a partir da entrevista com o professor e questionários aplicados aos alunos do 6º ano da escola. Além disso, foi feita a análise do livro didático usado em sala pelo professor e alunos, e foi realizado o experimento pedagógico com o filme “O bicho vai pegar” abordando os conteúdos relacionados a paisagem, onde teve como parâmetro as turmas, controle e experimental. Com os resultados obtidos, conclui-se que o filme é uma ferramenta que vem para somar no ensino de Geografia. No entanto, a utilização deste recurso ainda apresenta desafios, como o tempo necessário em uma aula e a disponibilidade dos equipamentos para exibição. Para superar esses desafios, é fundamental explorar estratégias que otimizem o seu uso, e quando bem utilizado pelo professor expande-se a compreensão da teoria com o filme, a partir da realidade ficcional.

Palavras-chaves: geografia; paisagem; recurso didático; filmes.

ABSTRACT

This monographyc research aims to investigate the film as a teaching resource as a way of strengthening the teaching of Geography. In terms of understanding the concept of landscape in the 6th year of Elementary School. For this purpose it discusses the conception of landscape term in Geography and how it is worked in Geography classes through the textbook based on what is contained in the National Common Curricular Base (BNCC) and therefore suggest strategies for using films in Geography classes to work on content related to Landscape. The research has qualitative-quantitative methodology, with field research carried out based on an interview with the teacher of the school's 6th year class, application of questionnaires with students, analysis of the textbook, in addition to carrying out the pedagogical experiment with the film "O bicho vai pegar" addressing content related to landscape, where the control and experimental classes were used as parameters. The results obtained indicate that the film is a tool that adds to the teaching of Geography. However, using this resource still presents challenges, such as the time needed in a class and the availability of equipment to show the film. To overcome these challenges, it is essential to explore strategies that optimize their use, and when used well by the teacher, the understanding of theory with the film expands, based on fictional reality.

Keywords: geography; landscape; teaching resource; films.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-------------|---|----|
| Figura 1 – | Organograma do Percurso Metodológico | 18 |
| Figura 2 – | Cenas do filme O bicho vai pegar | 21 |
| Figura 3 – | Localização da escola onde foi realizada a pesquisa | 41 |
| Figura 4 – | Turmas do Experimento Pedagógico | 42 |
| Figura 5 – | Definição da paisagem no livro didático | 48 |
| Figura 6 – | Transformação da paisagem urbana | 49 |
| Figura 7 – | Síntese dos conceitos de paisagem e espaço geográfico | 49 |
| Figura 8 – | Texto complementar sobre paisagem | 50 |
| Figura 9 – | Ilustrações do livro didático | 50 |
| Figura 10 – | Indicações e sugestões de livros e filmes | 51 |
| Figura 11 – | Cena do filme Moana | 63 |
| Figura 12 – | Cenas do filme “Wall-e” | 65 |
| Figura 13 – | Cenas do filme Uhug Na Serra da Capivara | 66 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|------------|--|----|
| Quadro 1 – | Ficha técnica do filme | 20 |
| Quadro 2 – | Códigos e Habilidades do 6º ano ensino fundamental anos finais | 31 |
| Quadro 3 – | Entrevista com o professor | 43 |
| Quadro 4 – | Roteiro de Análise do Livro Didático | 47 |
| Quadro 5 – | Preferência por Filmes e Motivação | 53 |
| Quadro 6 – | Preferência por Recursos Utilizados em Aula | 55 |
| Quadro 7 – | Impacto de Filmes para Aprendizagem | 56 |
| Quadro 8 – | Compreensão da Paisagem Natural | 57 |
| Quadro 9 – | Compreensão da Paisagem Humanizada ou Cultural | 58 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|-------------|---|----|
| Gráfico 1 – | Percepção de Elementos Geográficos em Filmes | 55 |
| Gráfico 2 – | Elementos Naturais (N) e Culturais (C) – Turma controle | 59 |
| Gráfico 3 – | Elementos Naturais (N) e Culturais (C) – Turma Experimental | 59 |
| Gráfico 4 – | Elementos Visíveis e Invisíveis da Paisagem de Onde Moram | 60 |

SUMÁRIO

| | | |
|------------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 | METODOLOGIA | 16 |
| 2.1 | Etapas do Experimento Pedagógico | 19 |
| 2.1.1 | Escolha da turma experimental e turma controle | 19 |
| 2.1.2 | Planejamento da aula revisão sobre o conteúdo de paisagem | 19 |
| 2.1.3 | Escolha do filme | 19 |
| 2.1.3.1 | A Paisagem no filme “O bicho vai pegar” | 20 |
| 2.1.4 | Aplicação do Experimento | 21 |
| 3 | ENSINO DE GEOGRAFIA E PAISAGEM | 22 |
| 3.1 | Conceito de paisagem na Geografia | 23 |
| 3.2 | Abordagem da Paisagem na Geografia do 6º ano pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) | 29 |
| 3.3 | Filme como recurso didático no ensino de Geografia | 31 |
| 3.4 | A paisagem através dos filmes no ensino de Geografia | 36 |
| 4 | RESULTADOS | 40 |
| 4.1 | Caracterização da área de estudo | 40 |
| 4.2 | Resultado da entrevista com o professor | 43 |
| 4.3 | ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO ENSINO FUNDAMENTAL | 46 |
| 4.4 | Resultado do questionário com os alunos | 52 |
| 4.4.1 | Comparativo sobre recurso didático | 52 |
| 4.4.2 | Comparativo da verificação de aprendizagem | 57 |
| 5 | SUGESTÕES DE FILMES | 62 |
| | CONCLUSÃO | 68 |
| | REFERÊNCIAS | 70 |
| | APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DA SALA DE AULA | 72 |
| | APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA | 73 |
| | APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO SOBRE RECURSO DIDÁTICO | 74 |
| | APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DE VERIFICAÇÃO | 75 |
| | APÊNDICE E – ROTEIRO DE ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO | 76 |
| | ANEXO – ATIVIDADES DO LIVRO DIDÁTICO | 77 |

1 INTRODUÇÃO

Os filmes fazem parte do cotidiano social, são formas de mídia acessíveis e atraem a atenção e o interesse de pessoas de diversas faixas etárias. No contexto educacional, oferecem muitas possibilidades de utilização. Através do filme pode-se mostrar momentos históricos de épocas passadas, a caracterização da natureza e organização da sociedade. Neste sentido, esta pesquisa destaca a utilização do filme como ferramenta valiosa no processo de ensino-aprendizagem, e de como pode ser aplicado a fim de fortalecer os conteúdos ministrados no ensino de Geografia.

Além disso, o proposito da pesquisa, considerado um “cinéfilo”, tem como hobby assistir e acompanhar os filmes e séries, e ainda tem um grande apreço pelos clássicos e animações. Assim, a arte através do filme, é para o pesquisador tanto uma atividade de lazer, como de aprendizado, decorrente de uma variedade de produções filmicas. Muitas destas, apresentam uma diversidade de assuntos que, na medida que são ilustrados, torna algo instigante, estimulante e agradável.

Esta pesquisa considera que os filmes se caracterizam como portas que possibilitam ver, explorar e compreender em diferentes perspectivas as dimensões do espaço geográfico.

Foi necessário delimitar um temário que fosse o ponto inicial para a pesquisa dentro do arcabouço geográfico. Assim, escolheu-se o conceito de “paisagem” como conceito-chave de discussão do trabalho e como elemento central no qual se desenvolveu a utilização do filme. A escolha desse conceito se faz importante porque permitirá entender, em sua análise, o meio em que está inserida a sociedade e do espaço que envolve o ser humano, tanto em aspectos naturais como culturais, buscando saber como eles se relacionam. Logo, seu ensino deve elucidar as diferentes configurações que estão presentes na construção social e sua relação com o meio ambiente.

Após a escolha do conceito-chave buscou-se elencar um filme no qual fosse possível relacionar o espaço do cenário com a aplicação do conceito. Assim foi preciso buscar um longa-metragem que fizesse, suficientemente, o uso de paisagens enquanto cenário, possibilitando consequentemente, a análise integrada dos elementos da natureza e sua utilização pela sociedade.

Com isso, foi possível fazer discussões sobre as definições da paisagem na Geografia, suas abordagens teóricas de modo a se construir de fato a compreensão da sua prática no ensino de Geografia na Educação Básica.

Escolheu-se como espaço de ensino foco da análise o 6º Ano do Ensino Fundamental (Anos Finais). Esta escolha se deu justificada por ser nesta etapa de ensino na qual são inseridos os conceitos geográficos da “paisagem”, espaço, lugar, dentre outros.

Portanto, a pesquisa tem como tema Ensino de Geografia e o uso do filme enquanto recurso didático possível de ser aplicado na faixa etária e etapa de ensino ora apresentada.

Desse modo, o objetivo geral de pesquisa foi investigar o uso do filme enquanto recurso didático como forma de fortalecer o ensino de Geografia no que concerne a compreensão do conceito de paisagem no 6º ano do Ensino Fundamental (Anos Finais) em uma escola pública da Zona Norte de Teresina-PI. Para alcançar a finalidade da pesquisa estabeleceu-se os seguintes objetivos específicos: Discorrer sobre o ensino de Geografia, o conceito de paisagem e o filme enquanto recurso didático; Caracterizar o conceito de paisagem através de filmes no ensino de Geografia; Verificar como se dá a aplicação do conceito de paisagem no 6º ano do Ensino Fundamental; Analisar o livro didático utilizado em sala de aula pelo professor e alunos; Sugerir filmes para uso nas aulas de Geografia para compreensão do conceito de paisagem.

Para tanto, julgou-se necessário realizar um experimento pedagógico com a utilização de um filme, para realmente verificar a aplicabilidade e a importância de seu uso no ensino de Geografia. Desse modo, utilizou-se o filme de animação intitulado “O bicho vai pegar”, que se trata de uma obra cinematográfica na qual vários elementos da paisagem são o plano de fundo da história. Sendo uma produção americana, muitas das cenários apresentados não são comuns no cotidiano dos alunos, mas é importante mostrar que existem diferentes tipos de paisagens ao redor do mundo. A partir desses ambientes, podemos relacionar ou até mesmo comparar as diversas paisagens, entendendo melhor suas características distintas, semelhanças e diferenças.

Neste sentido, a pesquisa se justifica na utilização das imagens em movimento e dos sons na construção da realidade, no ensino das paisagens geográficas nas aulas de Geografia no 6º ano do Ensino Fundamental Anos Finais.

As imagens em movimento ajudam a ilustrar de forma vívida e concreta as diferentes formas de relevo, vegetação, clima e outros aspectos geográficos, já os sons, complementam o campo visual do aluno, ampliando seu campo sensorial, permitindo uma experiência profunda e dinâmica, estimulando diferentes sentidos e formas de percepção.

Ademais, a temática desperta o interesse do pesquisador em compreender como os filmes podem ser usados como recurso didático em salas de aula de Geografia. Com esse propósito, buscou-se construir um panorama da realidade da aplicação desse recurso didático, identificando possíveis benefícios e dificuldades de utilização no contexto educacional. Além disso, essa pesquisa enriquece o conhecimento do pesquisador sobre a realidade do ensino de Geografia no que se aplica ao ensino de paisagem e ao recurso didático.

Considerando os procedimentos ordenados, o texto monográfico está estruturado em seis seções distintas. Na primeira seção, é feita uma abordagem geral sobre o tema e a importância de se estudar a temática. A segunda seção constitui a metodologia utilizada, abordando detalhadamente o passo a passo da execução da pesquisa. Na terceira seção, é apresentada a fundamentação teórica, com o levantamento e a sistematização das leituras bibliográficas acerca da temática pesquisada, que serviram de base para a discussão. Na quarta seção, os resultados são apresentados aos leitores juntamente com a análise e discussão feita pelo pesquisador. Na quinta seção, serão abordadas estratégias e sugestão de filmes para trabalhar a temática de paisagem nas aulas de Geografia. Em seguida, é apresentada a conclusão do trabalho em que se buscou verificar o cumprimento dos objetivos propostos mediante a abordagem que foi feita a pesquisa.

2 METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica constituiu a sistematização dos trabalhos que contemplam a temática pesquisada, a mesma, segundo Fontana (2018, p. 66), “[...] vincula-se à leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, manuscritos, relatórios, teses, monografias, etc”. Essa é a etapa na qual se estabeleceu, a partir do levantamento bibliográfico, a base teórica para pesquisa considerando as temáticas sobre o conceito de paisagem no ensino de Geografia, através da construção desse saber geográfico segundo os autores Sotchava (1977), Santos (1988), Ab'Saber (2003), Maximiano (2004), Bertrand (2004) e Conti (2014) entre outros.

Em seguida, como apoio ao levantamento bibliográfico, foi realizado um levantamento documental analisando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com o objetivo de identificar como a paisagem se insere na Geografia escolar do ensino básico no 6º ano do Ensino Fundamental nos Anos Finais, investigando de forma objetiva as habilidades que inserem esse conhecimento na proposta curricular. Em seguida, foi analisado o livro didático utilizado nas aulas do 6º ano, afim de compreender como a paisagem aparece e qual a base teórica que norteia o conteúdo ministrado em sala de aula. Essa análise documental, segundo Severino (2017, p. 77), refere-se a “[...] fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como: jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais”.

A análise do livro didático seguiu como princípios norteadores investigar como a paisagem é apresentada no livro, verificar se o mesmo, relaciona os conceitos apresentados com a realidade dos alunos, analisar as atividades propostas, identificar se há ilustrações relacionadas com os textos, se possui infográficos e mapas mentais para facilitar o entendimento dos conceitos abordados, identificar atividades complementares e se há indicações de filmes.

Nesse sentido, foram identificadas as habilidades correspondentes ao 6º ano, a partir do currículo de Geografia na BNCC e, em conjugado, buscou-se verificar se essas habilidades de fato são apresentadas no livro didático utilizado pela escola em questão. Nesta mesma linha de pensamento, procurou-se, através da análise do livro didático, estabelecer como os alunos tem acesso ao conteúdo de paisagem dentro da disciplina de Geografia.

A pesquisa é de natureza aplicada, descriptiva e explicativa. A pesquisa aplicada segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 126) consiste em “[...] produzir conhecimento para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos”. Segundo os autores a pesquisa descriptiva “[...] expõe as características de uma determinada população ou fenômeno, demandando técnicas padronizadas de coleta de dados (2013, p. 127)”. Sobre a pesquisa explicativa, Severino (2017, p. 78) define como “[...] aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas”.

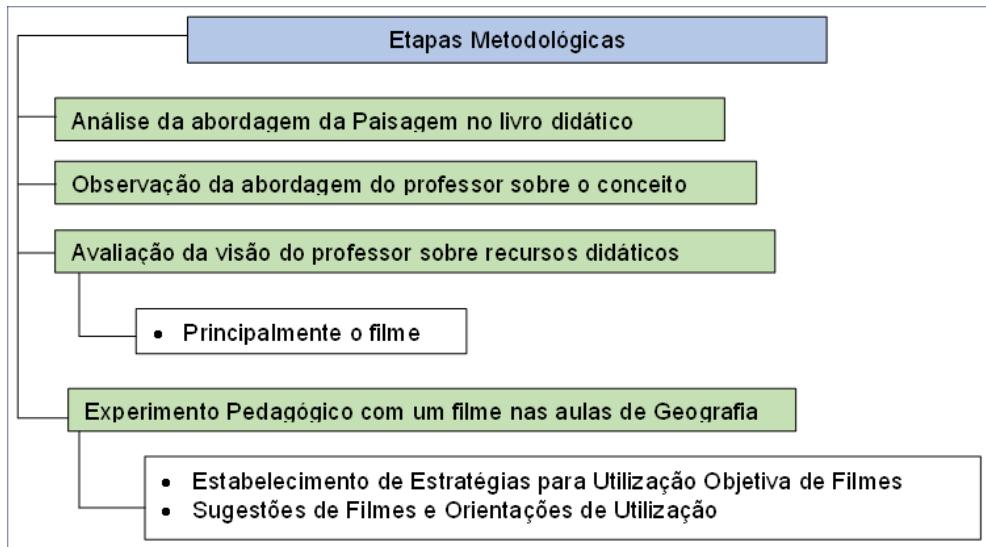
A pesquisa também possui natureza experimental, pois consiste na realização de um experimento pedagógico que para Fonseca (2002, p. 38), tem o propósito de “[...] aprender as relações de causa-e-efeito ao eliminar explicações conflitantes das descobertas realizadas”, o autor destaca que um dos modelos para realizar a pesquisa experimental é estabelecer “[...] dois grupos homogêneos, denominados experimental e controle”, aos quais após a aplicação do experimento ao grupo experimental, deve ser realizada uma comparação entre os dois grupos, a fim de avaliar a validação do estímulo.

Sendo assim, realizou-se um experimento pedagógico, utilizando o filme “O bicho vai pegar”, com os alunos da escola pesquisada. Os procedimentos desse experimento foram: Observação das turmas, escolhas das turmas controle e experimental, execução da aula sobre paisagem, em seguida a verificação da aprendizagem e aplicação dos questionários sobre a utilização de recursos didáticos.

O experimento pedagógico para Neves e Resende (2014, p. 14) “[...] consiste em um processo de intervenção para estudar as mudanças no desenvolvimento cognitivo dos alunos, por meio da participação ativa do pesquisador na experimentação”. Neste sentido, o experimento pedagógico é um teste realizado pelo pesquisador em sala, com a finalidade de observar, descrever e analisar como os alunos reagem, às estratégias, recursos e metodologias aplicadas.

No tocante, a pesquisa busca expor como se dá a aplicação do ensino de paisagem na disciplina de Geografia da escola, organograma apresentado na figura 1, representa as principais fases do estudo, desde a análise do livro didático até a implementação de um experimento pedagógico com filmes:

Figura 1 – Organograma do Percurso Metodológico



Fonte: Costa, 2023.

A pesquisa de campo consistiu na coleta dos dados realizado no campo onde ocorreram os fenômenos em suas condições naturais, sendo estes observados e analisados pelo pesquisador, por meio da aplicação de técnicas de pesquisa (Severino, 2017). Esta etapa foi executada a partir da construção dos instrumentos e sua aplicação na escola, onde foram aplicados questionários aos alunos e entrevista ao professor das turmas de 6º ano. Por fim, foi efetuado o experimento pedagógico.

Os instrumentos de coleta dos dados, incluem:

- O roteiro de entrevista, para o professor das turmas de 6º ano onde foi realizado o experimento pedagógico;
- Os questionários direcionados aos alunos, sobre recursos didáticos, esse questionário, para turma experimental, teve o acréscimo de uma questão relacionado a aplicação do filme em sala;
- A atividade de verificação de aprendizagem para as duas turmas (Experimental e Controle).
- Os questionários e entrevista foram estruturados de forma ordenada pelo pesquisador, a fim de buscar conhecer a opinião dos pesquisados (Severino, 2017). A amostragem levou-se em consideração a população somada nas duas turmas, sendo assim, um total de 70 alunos. Considerando uma amostra de 20% dessa população, 14 questionários, sendo 7 por turma.

Os dados obtidos foram analisados e tabulados de forma preponderantemente qualitativa a partir de quadros respostas e quantitativa a contar das tabelas e gráficos, o primeiro considera a leitura e interpretação dos fenômenos observados e o segundo refere-se à construção de dados estatísticos com os dados obtidos pelo pesquisador (Prodanov, 2013).

Seguindo a elaboração e a aplicação do experimento, destaca-se as etapas de realização:

2.1 Etapas do Experimento Pedagógico

Consistiu na etapa de planejamento para aplicação do experimento pedagógico na sala de aula.

2.1.1 Escolha da turma experimental e turma controle

Etapa que consistiu em fazer o reconhecimento da escola, de dialogar com o professor das turmas de 6º ano e selecionar as duas turmas para o experimento, na qual as mesmas passaram por um em período de observação.

2.1.2 Planejamento da aula sobre o conteúdo de paisagem

Etapa fundamental, que consistiu em planejar uma aula de revisão do conteúdo de paisagem, levando em consideração o que o professor da turma já havia ministrado durante o período de observação. Foi elaborado um plano de aula, assim como um slide de apresentação para os alunos e um roteiro de aula. Para a turma na qual o filme foi exibido, foi feito um guia de observação com base na análise da paisagem.

2.1.3 Escolha do filme

O filme escolhido foi “O bicho vai pegar” (Quadro 1). A escolha teve como critério a classificação indicativa que é compatível a dos alunos do 6º ano, por ser de animação leva consigo uma atração visual, além de simplificar alguns conceitos tornando os mais acessíveis.

Quadro 1 – Ficha técnica do filme

| | |
|--|---|
| Título: Open Season (Original). | Sinopse: Boog é um urso pardo domesticado, que vive na pacata cidade de Timberline. Ele é a grande estrela dos shows ecológicos de sua cidade, sendo que à noite desfruta das acomodações da garagem de Beth, uma guarda florestal que o criou desde que era filhote. Porém nem todos gostam de Boog. Shaw é um deles, pois acredita que os animais estão conspirando contra os humanos. Em uma de suas caçadas ele traz à cidade Elliot, um cervo de um único chifre que ainda está vivo. Após vários pedidos, Boog decide ajudá-lo e solta Elliot. Querendo retribuir o favor, Elliot segue Boog até sua casa e decide libertá-lo de sua garagem, a qual considera como sendo seu cativeiro. |
| Ano: 2006. | |
| Direção: Jill Culton; Roger Allers. | |
| Duração: 83 minutos. | |
| Classificação: Livre para todos os públicos. | |
| Gênero: Animação; Aventura; Comédia; Família. | |
| Países de Origem: Estados Unidos. | |

Fonte: Google, adaptador por Costa (2023).

O filme foi assistido e conduzido a uma análise identificando pontos importantes que se relacionam com a paisagem. Posteriormente, foi feito o recorte das partes, levando em consideração o tempo de aula (tempo de exibição 57min).

2.1.3.1 A Paisagem no filme “O bicho vai pegar”

O longa-metragem apresenta a paisagem tanto natural, caracterizada por uma floresta como a paisagem de uma cidade (Figura 2), onde há uma proximidade entre esses dois locais, essa relação impacta os animais representados no filme, um urso domesticado que vive na cidade e, em uma reviravolta, é levado a viver na floresta onde para ele é algo assustador, no decorrer das cenas a natureza é retratada como algo exuberante, como um ambiente livre, um lugar muito importante para os animais. O filme retrata ainda o impacto na vida desses animais da floresta quando os mesmos se deslocam não de forma intencional para o local da temporada de caça, algo que relacionado com a realidade a caça excessiva, a invasão do ambiente natural causa um desequilíbrio, e de certa forma o filme mostra a busca em estabelecer esse equilíbrio entre a urbanização e toda atividade humana com a preservação da natureza.

Paisagem Natural: o relevo, a floresta, os rios, montanhas, os próprios animais selvagens.

Paisagens Humanizadas: a cidade, a estradas, a casa em meio a floresta demonstra a natureza com a interferência do homem e a própria atividade de caça

Figura 2 – Diversidade paisagística do filme “O bicho vai pegar”



Fonte: Costa (2023).

2.1.4 Aplicação do Experimento

Consistiu na aplicação do planejamento e instrumentos de pesquisa que verificaram a validação do experimento pedagógico e possibilitou identificar as dificuldades para efetivação.

A aplicação do experimento pedagógico para turma controle foi feito a revisão dos conteúdos de Paisagem, seguido da aplicação dos questionários, avaliativo e sobre recursos didáticos. Já na turma experimental, foi realizada a revisão sobre o conteúdo de paisagem, semelhante à ocorrida na turma controle e logo após foi passado o filme para que os alunos assistissem, e posteriormente foi aplicado os questionários.

3 ENSINO DE GEOGRAFIA E PAISAGEM

Puntel (2007) destaca que o ensino de Geografia proporciona aos alunos compreender o espaço geográfico, sendo este percebido inicialmente pelo contato com a paisagem local de vivencia dos estudantes, enfatiza que a paisagem é fundamental para o estudo da Geografia, por meio desta “[...] é possível compreender, em parte, a complexidade do espaço geográfico em um determinado momento do processo. Ela é o resultado da vida das pessoas, dos processos produtivos e da transformação da natureza (Puntel, 2007, p. 286)”.

Dada a importância de fazer com que o aluno exerce a capacidade de ler o mundo, a autora destaca ser importante trabalhar desde cedo essa percepção, através do reconhecimento do lugar, da história, das formas e das relações entre esses elementos, a partir de como é percebido com os sentidos.

Cavalcanti (2010) enfatiza que para as crianças de 6 anos o primeiro contato com espaço é pela dimensão sensorial, percebendo a paisagem ao seu redor pelos sentidos ou até mesmo pelo contato com diversos meios de comunicação. A percepção da paisagem pela criança pode ser trabalhada antes mesmo de aprenderem a ler e escrever. Por meio da descrição dos lugares vividos, associada a observação e uma mediação pedagógica pode estimular reflexões e questionamentos sobre o que se observa e descreve.

Neste sentido, a paisagem se torna um instrumento essencial no processo de construção de um raciocínio geográfico pelos alunos. A percepção da paisagem aliada ao conhecimento do lugar é o ponto de partida para conhecer a realidade, não como totalidade, mas como uma dimensão do espaço. Este conceito abrange tudo o que vemos e, a partir disso, nos possibilita usar os outros sentidos, carregando em si uma seletividade do que é percebido.

Uma paisagem é o retrato de um determinado lugar em um tempo específico, isto quer dizer que se apresenta de formas variadas ao longo do tempo. E além disto, a nossa apreensão pode não abranger a visão de tudo, pois somos seletivos e portanto a nossa percepção da paisagem é sempre um processo seletivo de apreensão. Sendo a paisagem o que vemos, há a necessidade de olhar para além do que é o visível, pois ela não é formada apenas de volumes, mas também de cores, de movimentos, de odores, de sons (Callai, 2004, p.4).

A paisagem no sentido de sua percepção, assume diferentes formas ao longo do tempo, e a forma de percebê-la também muda. Segundo Santos, Costa e Kinn (2010), a forma como os alunos percebem o espaço atualmente está atrelada as mudanças do mundo contemporâneo, a variedade de ofertas de produtos da indústria cultural, através da tecnologia, da mídia e da televisão, vem surgindo a todo instante, e o acesso cada vez mais rápido as informações. Diante disso, é importante que o ensino de Geografia se adapte a essas mudanças da modernidade, desenvolvendo métodos de ensino para que os alunos consigam apropriar-se dos conteúdos e construam o seu conhecimento geográfico.

Esses autores ainda discutem que o ensino de Geografia deve começar pela compreensão dos conceitos-chave levando em consideração as concepções que os estudantes já possuem sobre esses conceitos, que são moldados cotidianamente por meio de suas experiências no mundo contemporâneo, partindo desse ponto, o professor deve incorporar em sua metodologia de ensino os meios tecnológicos utilizados por seus alunos, com a finalidade de proporcionar uma reflexão desses conceitos no mundo contemporâneo o capacitando a intervir de forma consciente na realidade que o cerca. Nesse sentido, os autores destacam que a utilização de diferentes linguagens e recursos didáticos no ensino de Geografia “[...] pode aumentar o interesse dos alunos pela Geografia; com o interesse reavivado, torna-se produtivo investir e reinvestir no ensino (Santos, Costa, Kinn, 2010, p. 46)”.

Nesse sentido, buscou-se dialogar com autores que conceituam a paisagem dentro das correntes de pensamento geográfico, a fim de estabelecer a compreensão que se insere no contexto da Geografia escolar, e, a partir da pesquisa teórica sobre filmes enquanto recurso didático, estabelecer um elo de apropriação do conceito geográfico de paisagem para o ensino de Geografia.

3.1 Conceito de paisagem na Geografia

A paisagem na antiguidade começou a se manifestar através da arte, e das representações artísticas, como a pintura, “[...] retratavam inicialmente elementos particulares como animais selvagens, um conjunto de montanhas ou um rio (Maximiano, 2004, p. 84)”.

Ao longo do tempo essa concepção de paisagem evoluiu, e assim como os demais conceitos-chave da Geografia (região, espaço, lugar e território) que

possuem uma interligação e são fundamentais para sintetizar o que é a Geografia e descrever seus fenômenos. No entanto, ao se referir a paisagem, é importante destacar que o seu significado está atrelado a abordagem geográfica e a perspectiva de geógrafos, adotando influências culturais e discursivas dos mesmos em diferentes épocas (Britto; Ferreira, 2011).

Segundo Almeida (2014, p. 106) a “[...] origem do termo paisagem remonta ao século XV, derivado do termo holandês *landskip*, do qual é originário o vocábulo alemão *landschaft*, bastante utilizado pelos geógrafos alemães”. A consolidação de uma base teórica mais sólida da paisagem na Geografia remonta ao século XIX.

A segunda metade do século XIX e a primeira metade do XX representam para a concepção científica da paisagem, o período de estabelecimento da maior parte de suas bases teóricas. Na Alemanha, surgem as primeiras ideias acerca da paisagem numa perspectiva científica, bem como as primeiras colocações, no sentido de uma Geografia sistematizada, com destaque para os autores prussianos Alexandre Von Humboldt e Karl Ritter (Neves; Ferraz, 2011, p. 170-171).

Na Alemanha, Humboldt refletia a paisagem através de uma visão integradora dos aspectos paisagísticos, observando os elementos quanto aos aspectos fisionômicos e a influência dos seres, essa visão holística e totalizante do espaço paisagístico se deu através do estudo das vegetações em que a “[...] análise da paisagem trabalhavam com tipologias de unidades de vegetação e eram retomadas em uma tipologia maior de unidades paisagísticas (Maximiano, 2004, p. 86)”.

Segundo o exposto por Neves e Ferraz (2011, p. 171) “Ritter, contemporâneo de Humboldt, a define a partir do conceito de sistema natural, isto é, uma área delimitada e caracterizada dotada de certa individualidade”. Ainda segundo os autores, a Geografia toma parte de explicar o sistema natural de forma individualizada, segundo o qual representa a identidade de criar o lugar específico.

Humboldt e Ritter anunciaram a base na qual se fundamenta a primeira corrente do pensamento geográfico tradicional, o determinismo geográfico alemão que teve como teórico Friedrich Ratzel. Na ótica desse teórico determinista o homem embora exerça uma ação sobre o meio, é também parte integrante assim como os diversos elementos naturais que compõe a paisagem (clima, relevo, vegetação, hidrografia), sendo assim o homem não age de forma isolada, mas como componente do sistema que comporta a paisagem (Almeida, 2014).

Ainda seguindo a Geografia tradicional, a escola possibilista francesa, com seu principal expoente, Vidal de La Blache, “[...] o homem passa a ser visto como um ser ativo, que sofre a influência do meio, porém que atua sobre este, podendo transformá-lo (Almeida, p. 110, 2014)”. Nesse sentido, as diferentes paisagens são resultantes da forma de como o ser humano se relaciona com a natureza, e a natureza como espaço de possibilidades para as modificações humanas.

Seguindo outra abordagem, a análise sistêmica da paisagem surgiu na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), com o conceito de geossistema que para Sotchava (1977) (citado por Cavalcanti e Silva 2015, p. 55) “[...] é uma formação natural, embora os fatores sociais e econômicos influenciem em sua estrutura, sendo considerado um sistema dinâmico, aberto e hierarquicamente organizado”. Nessa abordagem da paisagem, apresenta uma visão com foco nos aspectos naturais, que incluem o clima, o relevo e também os fluxos de matéria e energia, os quais, segundo o mesmo, são produtos do fator social e econômico.

Seguindo nessa abordagem integradora do conceito de paisagem, Bertrand, geógrafo francês, trouxe uma análise da paisagem também a partir da perspectiva geossistêmica, e atribuiu a essa teoria o fator da interação da sociedade como parte dos elementos que constituem a paisagem. Segundo o autor:

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução (Bertrand, 2004, p. 141).

Para esse autor, o conjunto de elementos físico-naturais e antrópicos, interagem de forma dinâmica, homogênea e estão em constante mudança, pois esses elementos (físicos, biológicos e antrópicos) formam um sistema integrado e interativo. Essa dialética caracteriza a paisagem. Sotchava e Bertrand, ambos, possuem uma visão sistêmica e holística ao analisar os elementos integradores da paisagem.

Conti (2014) por sua vez, enfatiza que a análise paisagística parte da compreensão da interação dos elementos da natureza e da sociedade, em diversas escalas de grandeza, a primeira delas a partir do clima e sua interação com os

elementos que constituem a paisagem, mesmo que este não esteja aparente o clima influência na temperatura, na umidade, nos ventos, etc. Em segundo, o zoneamento global, apresenta uma análise em macro-escala da paisagem, a partir do fator de distribuição desigual da energia solar, cada zona apresenta certos aspectos semelhantes em seus elementos paisagísticos.

Trazendo o estudo da paisagem para o Brasil, Ab'Saber (2003) analisa as potencialidades paisagísticas brasileiras, na qual o autor retrata como um mosaico paisagístico e ecológico, a partir dos domínios morfoclimáticos e fitogeográficos, que comprehende as feições do relevo, do solo, da vegetação, da hidrografia e do clima, em que destaca o recorte espacial buscando semelhança a partir desses elementos, procurando caracterizar a homogeneidade dos aspectos naturais nos arranjos espaciais.

Para Ab'Saber (2003, p. 9) a paisagem “é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades.” A paisagem é uma herança porque parte da formação e remodelagem da topografia a partir dos elementos naturais, antigos e recentes que atuam sobre a superfície da Terra em escala de tempo geológica. Entender a paisagem atual necessitaria entender os processos naturais, que ocorreram no passado.

Diante dessas abordagens do conceito de paisagem, Maximiano (2004), conclui que a paisagem possui caráter dinâmico pois apresenta aspectos visuais, que partem da compreensão dos elementos naturais, antrópicos, na construção da cultura e possui uma perspectiva escalar, apresentando classes de hierarquização organizadas em unidades, que podem apresentar elementos homogêneos ou heterogêneos que possibilitem classificá-las de acordo com determinados critérios.

Na década de 1970, a Geografia crítica surge para romper com a Geografia Tradicional, o espaço é o centro das relações sociais de produção e reprodução da sociedade (Corrêa, 2008). Em paralelo ao desenvolvimento dessa corrente de pensamento, a Geografia Humanista e Cultural surge, calcada no discurso humanístico de uma abordagem fenomenológica da paisagem, em que a mesma é entendida como um território que pode ser percebido e sentido, algo que está estreitamente relacionado com as experiências de cada indivíduo (Almeida, 2014).

Santos (1988, p. 21), complementa essa visão, afirmando que a paisagem representa “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança [...] pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc”.

Essa visão de Santos incorpora uma dimensão sensorial aliada às próprias experiências individuais com ambiente ao redor partindo da visão de cada pessoa, do qual o mesmo complementa:

Nossa visão depende da localização em que se está, se no chão, em um andar baixo ou alto de um edifício, num miradouro estratégico, num avião... A paisagem toma escalas diferentes e assoma diversamente aos nossos olhos, segundo onde estejamos, ampliando-se quanto mais se sobe em altura, porque desse modo desaparecem ou se atenuam os obstáculos à visão, e o horizonte vislumbrado não se rompe (Santos, 1988, p. 22).

Santos (1988), ainda enfatiza que a paisagem natural praticamente não existe, destacando que não há lugar onde o homem não tenha tocado ou que não tenha sido alvo de intenções humanas alçadas no âmbito político ou econômico. O autor trabalha com o conceito de “paisagem artificial”, referindo-se a paisagem transformada pelo homem.

A paisagem pode apresentar em seu conceito aquilo que está visível aos nossos olhos, como uma categoria de análise da Geografia, ela abrange diversos elementos do espaço geográfico e representa um conjunto elementos presentes em um determinado lugar. Para Santos e Borsato (2014, p. 8), a paisagem é:

[...] o resultado de todos os elementos presentes em um local, a paisagem não é o espaço, pois se tirarmos a paisagem de um determinado lugar, o espaço não deixará de existir. A paisagem é mutável, isto é, ela se transforma ao longo do tempo, em função das diversas formas de produção do espaço pelas atividades humanas e naturais.

Santos e Borsato (2014, p. 8) ainda destacam que o conceito de paisagem caracteriza se em “[...] paisagem natural: é tudo que vem de origem da natureza sem sofrer alteração pela ação humana; paisagem humanizada: é aquela que sofreu transformações pela ação humana”. Essas duas visões de paisagem se diferenciam pela ação humana na modificação, caracterização e descaracterização do espaço.

De acordo com Maciel e Lima (2011, p. 167):

[...] a paisagem sempre esteve presente na linha temática da geografia, ela responde à orientação da geografia para o concreto, o visível, a observação do terreno, enfim, para a percepção direta da realidade geográfica, ela é para o geógrafo a porta de entrada para o mundo.

Portanto a representação da paisagem no campo de estudos geográficos, representa aquilo que é concreto, aquilo que se destaca, o elemento que atrai olhares, diante da visão do geógrafo corresponde à realidade do espaço geográfico. Dentro dessa representação as autoras também enfatizam a construção histórica da sociedade, seus padrões econômicos, políticos e culturais, como componente da paisagem, segundo Maciel e Lima (2011, p. 169):

[...] Paisagens são [...] entidades espaciais que dependem da história econômica, cultural e ideológica de cada grupo regional e de cada sociedade e, são compreendidas como portadoras de funções sociais, não são produtos, mas processos de conferir ao espaço significados ideológicos ou finalidades sociais com base nos padrões econômicos, políticos e culturais vigentes.

Diante disso, a paisagem se constitui em um espaço onde atuam elementos físicos naturais e a ação antrópica, com o elemento do “tempo” associado a transformações da própria paisagem. Conforme Maciel e Lima (2011, p. 169) “[...] a paisagem é um resultado de forças naturais e humanas que constitui um fato físico e cultural, os quais estão interligados no espaço em um determinado período (tempo), entendendo esse resultado como o produto e não como uma imagem”.

Segundo Neves e Ferraz (2011, p. 171):

De acordo com a importância e a intensidade da intervenção do homem, se distinguem paisagens naturais e paisagens culturais. Estas últimas incluem, além dos fenômenos naturais, os que estão associados aos fatores econômicos, como a agricultura, as cidades, as populações com sua língua, sua tradição e sua nacionalidade, a estrutura social, a cultura artística e a religião.

Assim, os autores oferecem uma análise da paisagem considerando os elementos naturais e elementos culturais. Sendo a paisagem cultural, representada por aspectos que incluem elementos sociais, os quais descrevem as transformações do espaço quanto a ação do homem, abrangendo aspectos econômicos, manifestações culturais, expressões artísticas e crenças.

A paisagem em si, apresenta pelo seu fator humano, um aspecto histórico e espacial, e o espaço de movimento socias, onde o ser humano expressa seus ritos, crenças e tradições. Segundo Neves e Ferraz (2011, p. 172):

[...] Produto da ação humana ao longo do tempo, a paisagem apresenta uma dimensão histórica, e por ocorrer em certa área da superfície terrestre, apresenta uma dimensão espacial. [...] portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias, possuindo uma dimensão simbólica.

A sistematização do conceito de paisagem no pensamento geográfico veio de uma construção teórica a partir das representações dos elementos físicos da natureza. Na perspectiva geossistêmica, a paisagem é considerada um sistema complexo, dinâmico e interativo, onde os elementos naturais interagem com o componente humano. Com a abordagem da Geografia humanista, a paisagem, antes considerada intocada, evolui para uma natureza modificada, artificializada e humanizada. Sendo assim, a paisagem integra os elementos naturais e humanizados, e a partir dessa integração se eleva a forma como é percebida, sendo esta, através do que vemos e sentimos pelos nossos sentidos.

Considerando essa complexidade do conceito de paisagem, verificou-se como o Ensino Fundamental nos Anos Finais constrói o conhecimento geográfico da paisagem nas aulas de Geografia do 6º ano, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

3.2 Abordagem da Paisagem na Geografia do 6º ano pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento que norteia o ensino das escolas públicas, municipais e estaduais, apresenta normas para aprendizagem essenciais que todos os alunos da educação básica têm direito e devem desenvolver ao longo do ensino básico, na qual está dívida em 10 competências (Brasil, 2018).

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

A articulação das competências gerais propostas pela BNCC integra-se e se relaciona com a proposta didática na educação básica nos 3 níveis de ensino, infantil, fundamental e médio, atribuindo conhecimento e valores que devem ser aprendidos durante essas etapas. Essas competências gerais são a base para as aprendizagens essenciais de cada área do conhecimento e por conseguinte de cada disciplina (Brasil, 2018).

O componente curricular - Geografia visa contribuir para o entendimento do indivíduo das transformações da sociedade que o cerca, ainda,

[...] a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças (Brasil, 2018, p. 359).

Na abordagem da Geografia na BNCC, estão os principais conceitos, na qual os alunos devem compreender relacionados ao espaço geográfico, como os conceitos de espaço, território, lugar, região, natureza e paisagem (Brasil, 2018).

A Geografia no ensino fundamental de acordo com a BNCC está dividida em cinco unidades temáticas, sendo elas: o sujeito e seu lugar no mundo; conexões e escalas; mundo do trabalho; formas de representação e pensamento espacial; natureza, ambientes e qualidade de vida, essas unidades temáticas comportam habilidades essenciais na qual os alunos devem desenvolver ao longo do ensino fundamental, abordando em diferentes momentos o conceito de paisagem.

Nesse sentido, a Geografia no Ensino Fundamental – Anos Finais, no 6º ano o espaço é compreendido como resultante das transformações impostas pela ação humana no planeta, diante disso, o “entendimento dos conceitos de paisagem e transformação é necessário para que os alunos compreendam o processo de evolução dos seres humanos e das diversas formas de ocupação espacial em diferentes épocas (Brasil, 2018, p.381)”.

O ensino de Geografia está divido em áreas temáticas, objetos de conhecimento e habilidades, que são representados por códigos para identificar as competências da disciplina e as aprendizagens essências para a Geografia do Ensino Fundamental nos Anos Finais. O conceito de paisagem é abordado no 6º ano

do ensino fundamental como meio de compreender os processos de ocupação do espaço pela ação humana, e a relação sociedade e natureza, portanto a paisagem se caracteriza de forma mais presente nas seguintes habilidades, segundo o quadro 2:

Quadro 2 – Códigos e Habilidades do 6º ano ensino fundamental anos finais

| Código | Habilidade |
|------------|---|
| (EF06GE01) | Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos. |
| (EF06GE02) | Analizar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários. |
| (EF06GE05) | Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais. |
| (EF06GE06) | Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização |
| (EF06GE07) | Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades. |
| (EF06GE09) | Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre. |
| (EF06GE10) | Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares. |
| (EF06GE11) | Analizar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo. |
| (EF06GE13) | Analizar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor etc.). |

Fonte: Brasil (2018).

Portanto, considera-se que o ensino de Geografia está baseado em competências específicas, áreas temáticas e habilidades proposta pela BNCC, a paisagem nos anos finais do ensino fundamental aparece no 6º ano, como conceito norteador para compreensão da ação humana sobre a natureza, das transformações físico-naturais em tempos distintos, e da produção do espaço geográfico. As habilidades propostas no 6º ano buscam desenvolver o olhar geográfico a partir do conceito de paisagem, no que refere-se as suas transformações pelo fator humano, a dinâmica da natureza e a apropriação dos recursos naturais pelos seres humanos.

3.3 Filme como recurso didático no ensino de Geografia

O cinema é um meio de comunicação e entretenimento muito rico “[...] enquanto arte, tem a vantagem de poder usar das várias formas de linguagem pelas

outras artes, conseguindo, desta maneira, se comunicar com profundidade e envolvimento (Campos, 2006, p. 1)".

Com grande repercussão "[...] no século XX, o cinema foi um dos mais poderosos meios de comunicação em massa, sendo uma ferramenta indireta e também direta da difusão de conhecimentos e criando um imaginário social (Peron, 2019, p. 2019)".

O filme nos permite vislumbrar tempos diferentes e nos permite voltar ao passado, através das telas. Para Campos (2006, p. 3) "[...] existem situações nas quais a impossibilidade de visitar ou de voltar ao passado podem ser preenchidas pelo cinema, com os alertas necessários a respeito da paisagem e da ideologia do diretor". Nesse sentido, Votto e Rodrigues (2017, p. 206-207) discorrem sobre o cinema no contexto educacional quando afirmam que:

O cinema é uma arte que representa a realidade se tornando uma possibilidade do aluno conhecer outras partes do mundo, outras culturas, modos de vida, paisagens, cidades, características do relevo e tantas outras realidades que não podem ser conhecidas pessoalmente. Dessa forma, ao utilizar o filme como recurso didático nas aulas de Geografia, podemos mostrar aos alunos imagens de locais e fenômenos que os mesmos não teriam acesso, influenciando no modo como eles enxergam o mundo.

O tema do filme deve seguir uma orientação através dos conteúdos da aula, deve buscar uma relação com saber escolar e o mundo. Diante do exposto, Campos (2006, p. 3) enfatiza que "[...] o filme deve ser inserido naquilo que se pretende trabalhar, em um processo de buscas de interpretações com base em referências como o saber escolar e o saber do mundo".

De acordo com Campos (2006), o cinema representa através da tecnologia, da iluminação e os cenários uma visão de mundo através das imagens, "[...] o cinema é um sistema complexo que, através de tecnologia, iluminação, edição, cenário, direção e outros aspectos, pode contribuir para a constituição de imagens do mundo (Campos, 2006, p. 3)".

O filme, traz uma reflexão por parte de quem o assiste, através dos discursos, das imagens, o mesmo tem esse efeito de conduzir o espectador "[...] pela estrutura narrativa – refeita pelos espectadores à medida que vão assistindo ao filme – faz, muitas vezes, que a função do sujeito que observa é a de produzir um ponto de vista sobre o que viu (Campos, 2006, p. 3)".

O filme, então, serve como uma ponte, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem, facilitando o diálogo entre professor-aluno-conteúdo, pois aproxima o aluno do conteúdo e pode ser uma fonte de informação geográfica, claro desde que o professor estabeleça planejamentos de como explorar o filme (Votto; Rodrigues, 2017, p. 207).

Pode-se destacar dentro de uma produção filmica, a ideologia proposta pelo diretor, de como este vê os padrões da sociedade, tais como comportamentos sociais, estruturas dos lugares, com seus elementos naturais, dentro de um recorte espacial. Segundo Campos (2006, p. 4):

Do ponto de vista geográfico, talvez possam ser levantados alguns aspectos úteis para a observação: a ideologia do autor e do diretor, a visão etnocêntrica, os arquétipos presentes na figuração, a autenticidade das paisagens e as opções de enquadramento do espaço representado.

Para este autor (*op. cit.*, p. 5) o cinema “[...] é uma construção de códigos, convenções, mitos e ideologias da cultura de quem os realiza”. A representação cinematográfica é uma forma de mostrar diferentes realidades, dentro do contexto escolar, Peron (2019, p. 2019) afirma que “[...] a partir do momento que o professor dá uma intencionalidade e sentido a elas, o cinema se torna uma ferramenta pedagógica.” Ainda segundo o autor:

As obras cinematográficas são uma forma de levar o estudante a terras desconhecidas, a outros contextos, a outro lugar do globo, a outra cultura, a outros modos de vida, a outras características de relevo, ou seja, faz com que o estudante viva uma realidade que ele não pode vivenciar pessoalmente (Peron, 2019, p. 2020).

No ensino, o professor deve adaptar suas estratégias pedagógicas para ampliar horizontes diante da diversidade de meios de informação e utilizar esses recursos para implementar a metodologia de ensino. É importante diversificar metodologias para que os alunos desenvolvam o raciocínio e construam conhecimento sendo capazes de relacionar conceitos científicos (Tomasi; Bortoli, 2017). Ao variar nas abordagens metodológicas, os professores criam um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e que atenda às necessidades individuais dos alunos.

Diante da perspectiva desses autores Votto e Rodrigues (2017, p. 209) defendem que os filmes enquanto recurso didático “[...] favorecem ao aluno

desenvolver uma percepção mais objetiva dos conceitos abordados pela Geografia na sala de aula, tornando a aula mais atrativa”.

Segundo o Peron (2019), o filme é um elo que pode aproximar o professor e o aluno através das suas representações, uma fonte de informações úteis para o entendimento do conteúdo, através de uma metodologia afim de explorar o filme de forma a somar ao diálogo entre os dois atores do processo de ensino-aprendizagem, “professor-aluno”.

O filme, então, serve como uma ponte, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem, facilitando o diálogo entre professor-aluno-conteúdo, pois aproxima o aluno do conteúdo e pode ser uma fonte de informação geográfica, desde que o professor estabeleça planejamentos de como explorar o filme (Peron, 2019, p. 2020).

No cotidiano, nas relações do homem e o meio, e na formação do conhecimento “[...] o visual sempre foi importante para a memorização de informações, em analogia, quando vivenciamos, armazenamos junto sensações e emoções (Tomasi; Bortoli, 2017, p. 4)”.

Segundo Tomasi e Bortoli (2017), a imagem através do tempo relaciona momentos históricos de acontecimentos de uma época que relacionam pessoas, paisagens e lugares, e através do filme pode-se dar um novo caráter de entendimento e ressignificação.

Segundo Tomasi e Bortoli (2017, p. 5):

O sujeito como receptor de imagem constrói, desconstrói, transforma e internaliza e estabelece significados do mundo que lhe é apresentado pelos meios de comunicação. Um filme apresenta um conjunto de manifestações linguísticas em uma única cena, que pontuam detalhes imprescindíveis na interpretação de significados e enigmas de uma trama.

Através das imagens, o espectador é instigado a internalizar e estabelecer uma visão de mundo, na medida que lhe é apresentado às culturas de diversas comunidades, para que então ele possa achar significados a partir desse contato.

Então como um recurso didático, o filme apresenta realidades estas que se encontram dentro de um contexto, que se apresentam como atrativos para um determinado público. Para os jovens que estão inseridos no contexto que procuramos elucidar, Tomasi e Bortoli (2017, p. 5) nos dizem que:

Na esteira dos diferentes materiais tecnológicos, os filmes trazem significados e são vistos pelos jovens como um entretenimento agradável e moderno, contribuindo para uma aprendizagem dialógica e participativa, oportunizando esquemas mentais que proporcionam assimilação e acomodação dos conceitos apresentados.

Para Tomasi e Bortoli (2017), todo o corpo docente da instituição deve estar voltado para desenvolver as capacidades dos alunos, deve focar no ensino de qualidade e usar as ferramentas didáticas necessárias para obtenção dessa qualidade de ensino. Diante dessas abordagens no ensino, o filme como ferramenta deve ser utilizado de forma estratégica.

Para trabalhar com cinema em sala de aula o professor deve inserir o filme dentro do seu planejamento, articulando-o aos conteúdos e conceitos que serão trabalhados. A escolha do filme deve ser voltada aos interesses da disciplina, tendo coerência entre o assunto do filme e os objetivos da aula, que devem estar bem claros no seu planejamento (Votto; Rodrigues, 2017, p. 209).

Esses autores ainda destacam que o professor é um mediador no processo de ensino-aprendizagem, o professor nesse sentido, “[...] deve preparar o aluno antes de assistir ao filme, propondo discussões de forma direcionada, incentivando-o a se tornar um espectador mais crítico e ajudando o aluno a fazer a relação do conteúdo do filme com o conteúdo escolar (Votto; Rodrigues, 2017, p. 210)”.

O filme como um recurso didático é uma forma de enriquecer as aulas, proporcionando um ponto de partida instigador para explorar temas de maneira mais profunda. É fundamental que seja utilizado com uma finalidade associada ao componente curricular, valorizando a cultura e o conhecimento (Tomasi; Bortoli, 2017). O cinema em sala de aula “[...] desenvolve a capacidade de observação, reflexão e crítica do aluno, permite maior facilidade de fixação do conteúdo, torna a aula mais agradável e a aprendizagem mais efetiva e significativa (Votto; Rodrigues, 2017, p. 211)”.

A representação fílmica em sala de aula leva a uma nova reflexão dos conteúdos ministrados nas aulas “[...] o filme, como tecnologia educativa de imagem, utilizada como recurso pedagógico em sala de aula, oportuniza o debate de saberes que permitem demonstrar muito mais que o repasse de informações nas explanações de uma aula (Tomasi; Bortoli, 2017, p. 13)”.

Trazer o filme como recurso didático, contribui à construção de sujeitos críticos, que são capazes de ir além de que os livros didáticos informam sistematicamente em seus objetivos. A interatividade encaminha a indivíduos participantes do processo da aprendizagem (Tomasi; Bortoli, 2017, p. 14).

Os filmes podem ter um destaque nas aulas de Geografia, possibilitando a visualização de conceitos e a compreensão dos mesmos. No entanto, o uso desse recurso deve atender às necessidades da aula. Deve-se levar em consideração que os filmes, por vezes, são longos e não devem ser usados de forma recreativa, mas sim com um objetivo planejado e pretendido. Eles podem tanto servir como uma alternativa quanto um complemento aos recursos usados tradicionalmente nas aulas (Votto; Rodrigues, 2017).

Os conceitos geográficos estão inseridos no meio social, na construção histórica dos povos, na cultura, na identidade, na dinâmica da natureza. O filme, como discutido, possibilita incorporar diversos desses elementos e conceitos geográficos em uma mesma cena, do qual podemos obter diferentes interpretações. Então é importante destacar como podemos mostrar a paisagem e sua dinamicidade em produções fílmicas.

3.4 A paisagem através dos filmes no ensino de Geografia

O ensino de Geografia pode ser estudado através de diferentes linguagens, a paisagem no contexto geográfico se apresenta em diversos aspectos decorrentes das mudanças em sua definição ao longo da construção do pensamento geográfico.

A paisagem é um objeto dinâmico e por parte de muitos pensadores é diferenciada em duas dimensões. A primeira refere-se a paisagem natural, que abarca o conjunto de elementos da natureza que não sofreram alterações humanas, por exemplo, a vegetação, solo, rios, relevo. A segunda dimensão é a paisagem artificial ou humanizada, que representa o agrupamento dos elementos que são criados pela sociedade. A dinamicidade da paisagem se apresenta nas constantes mudanças dos componentes que vão sendo apagadas e (re)impressas no tempo sobre o espaço geográfico. Porém, com a evolução das sociedades os elementos artificiais tem se apresentado com maior intensidade devido às alterações realizadas pela humanidade (Junior; Góes, 2020, p. 131).

Segundo Neves e Ferraz (2011), o filme é uma ferramenta na qual a partir do olhar geográfico nos permite interpretar, qualificar, dar sentido a paisagem, por meio da organização sócio-espacial de uma sociedade, as imagens cinematográficas

possibilitam a compreensão das formas que se apresenta a paisagem, através dos cenários, localização e as formas da superfície terrestre.

Na busca por um entendimento do espaço geográfico que se apresenta o filme nos traz uma representação do real. Ele relaciona elementos de orientação e localização e nos mostra representações culturais, recortes espaciais em diferentes escalas, como destacam Neves e Ferraz (2011, p. 167):

[...] ler e interpretar o mundo de hoje para buscar elementos que nos oriente e localize espacialmente, passa necessariamente pela análise do papel do cinema na contribuição das nossas leituras e percepções do “real”. [...] possibilitam uma compreensão da sua narrativa na direção de um melhor entendimento da ordem geográfica, do contexto social e político e da organização territorial, de determinado arranjo sócio-espacial, tanto na escala local, quanto regional e nacional.

Então através da reprodução fílmicas “[...] os conceitos geográficos podem ser enriquecidos ou ampliados a partir do diálogo com expressões do conhecimento humano que não se pautam na lógica das palavras (Neves; Ferraz, 2011, p. 167)”.

Por ser considerada uma Ciência Social, a Geografia tem como objetivo, entre outros, estudar as relações sócio-espaciais que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave principais que estão intimamente relacionados por expressarem as formas como os homens modelam e transformam a superfície, são eles: Região, Lugar, Território, Espaço e Paisagem (Neves e Ferraz (2011, p. 168).

Fioravante (2018), destaca ainda que os filmes afetam o nosso imaginário e nossa percepção, “[...] a utilização das noções de espaço, paisagem e lugar ganham novas cores quando são aplicadas às imagens em movimento (2018, p. 275)”.

Para Neves e Ferraz (2011), a observação da imagem permite diversas interpretações e descrições, seja ela através de palavras, ou de reproduções artísticas, como pintura e produções fílmicas, podem criar e recriar a paisagem, isto é, através do olhar, de analisar o que está vendo.

O cinema, pelos seus aspectos de produção e distribuição, assim como pela sua própria estética de elaboração (uso de lentes, enquadramentos, simultaneidade de imagens, edição e montagem etc.), permitiu o surgimento de uma nova forma de ver e perceber a “realidade”, exercitando maneiras subjetivas e objetivas, dinâmicas e fracionadas de se ler espaço (Neves; Ferraz, 2011, p. 174).

Através da produção, distribuição e estética do filme, amplia-se a forma de como percebemos o espaço e a realidade, a percepção da paisagem torna-se dinâmica, única, incorporando diversas perspectivas e ângulos não qual somos guiados pelas câmeras, possibilita ver o mundo a partir das experiências dos personagens na qual retrata, experimentando suas emoções e ao mesmo tempo uma visão mais objetiva vista de fora, do qual podemos identificar os eventos resultantes das relações representadas no filme. “Em uma obra filmica o espaço “real” é recortado, decomposto, recriado, sonhado, lembrado (Neves e Ferraz, 2001, p. 175)”.

O cinema no ensino de Geografia proporciona uma diversidade de contextualizações dos elementos paisagísticos.

Partindo dos elementos que estão impressos e que compõem a paisagem geográfica, o cinema os recria, à sua maneira, constituindo novas formas de perceber e visualizar os espaços concretamente vivenciados e os explora com o intuito de atribuir sentido à narrativa filmica (Neves; Ferraz, 2011, p. 175).

Os filmes nem sempre recriam elementos constituintes da paisagem (físicos ou invisíveis) de forma realista, muitas vezes essa representação esta alçada de forma artística e interpretativa, podem selecionar e manipular os elementos explorando esses elementos de acordo com a história contada. No sentido da imagem e seu conjunto de representações, o cinema cria e recria momentos históricos, utilizando sua estrutura para elucidar o conteúdo paisagístico.

A paisagem no cinema é trabalhada a partir de um conjunto de imagens temporais organizadas para se criar uma história, um sentido organizacional para as ações humanas sobre um espaço, o espaço geográfico. É preciso interpretar, qualificar, dar sentido e significado às imagens, essa leitura e interpretação permite compreender o conteúdo paisagístico da organização sócio-espacial da sociedade atual (Neves; Ferraz, 2011, p. 175).

Na perspectiva da paisagem, Neves e Ferraz (2011) enfatizam ainda que o filme expressa uma dimensão espacial além do espaço da ação dos personagens, e do espaço visível, há também a dimensão dos espaços geográficos que são implícitos, mas como lugares cartograficamente existentes e localizáveis, guiados pela narrativa do filme.

Sobre o filme enquanto recurso didático na compreensão do conceito de paisagem, Votto e Rodrigues (2017), propõem o uso como meio de analisar e

compreender a paisagem. Nesse sentido, a sugestão citada pelos autores é do filme nacional “Central Brasil” de 1998, no qual os mesmos destacam que no decorrer da história pode se observar diferentes paisagens, um contraste entre a cidade grande do Rio de Janeiro e a pequena cidade de Bom Jesus no sertão nordestino, as cenas ao longo da narrativa apresentam elementos paisagísticos como a vegetação, solo, relevo, clima e a cultura da região.

Junior e Góes (2020), também discutem sobre o uso do filme, trabalhando o longa-metragem “O Menino e o Mundo” para desenvolver o conceito de paisagem. Os autores destacam que a paisagem pode ser discutida não só por meio da visão, mas também pela sonoridade, os efeitos sonoros do filme permitem construir a paisagem através da audição, cada elemento e ações que ocorrem no filme apresentam uma sonoridade seja ela dos automóveis, animais, chuva, e dos próprios personagens. Através da obra “O Menino e o Mundo” os autores enfatizam a possibilidade de trabalhar em diferentes escalas seja ela local, regional ou global, ainda afirmam que é possível discutir a realidade de um lugar pois “[...] apresenta a dinâmica da sociedade, exploração da natureza e como o ser humano se apropria e a transforma, desde seu nível local que é o mais próximo do indivíduo ao global, mostrando assim, que tudo está correlacionado (Junior; Góes, 2020, p. 133)”.

Em síntese, o uso de filmes enquanto ferramenta para analisar e interpretar a dimensão natural e artificial da paisagem é enriquecedora, o filme permite explorar uma visão ampla da paisagem. A interação desse recurso com o ensino de Geografia diversifica as abordagens de contextualizações do conceito de paisagem nas aulas.

4 RESULTADOS

Este tópico descreve e analisa os dados obtidos a partir da sua coleta, além de caracterizar a área onde ocorreu de estudo. Os dados a seguir referem-se à entrevista com o professor das turmas selecionadas, questionário aplicado na sala com os estudantes e a análise do livro didático utilizado pelo professor e alunos nas turmas de 6º ano. Os dados ainda suscitam componente importante para as sugestões de estratégias e filmes recomendados para aplicação nas aulas de Geografia.

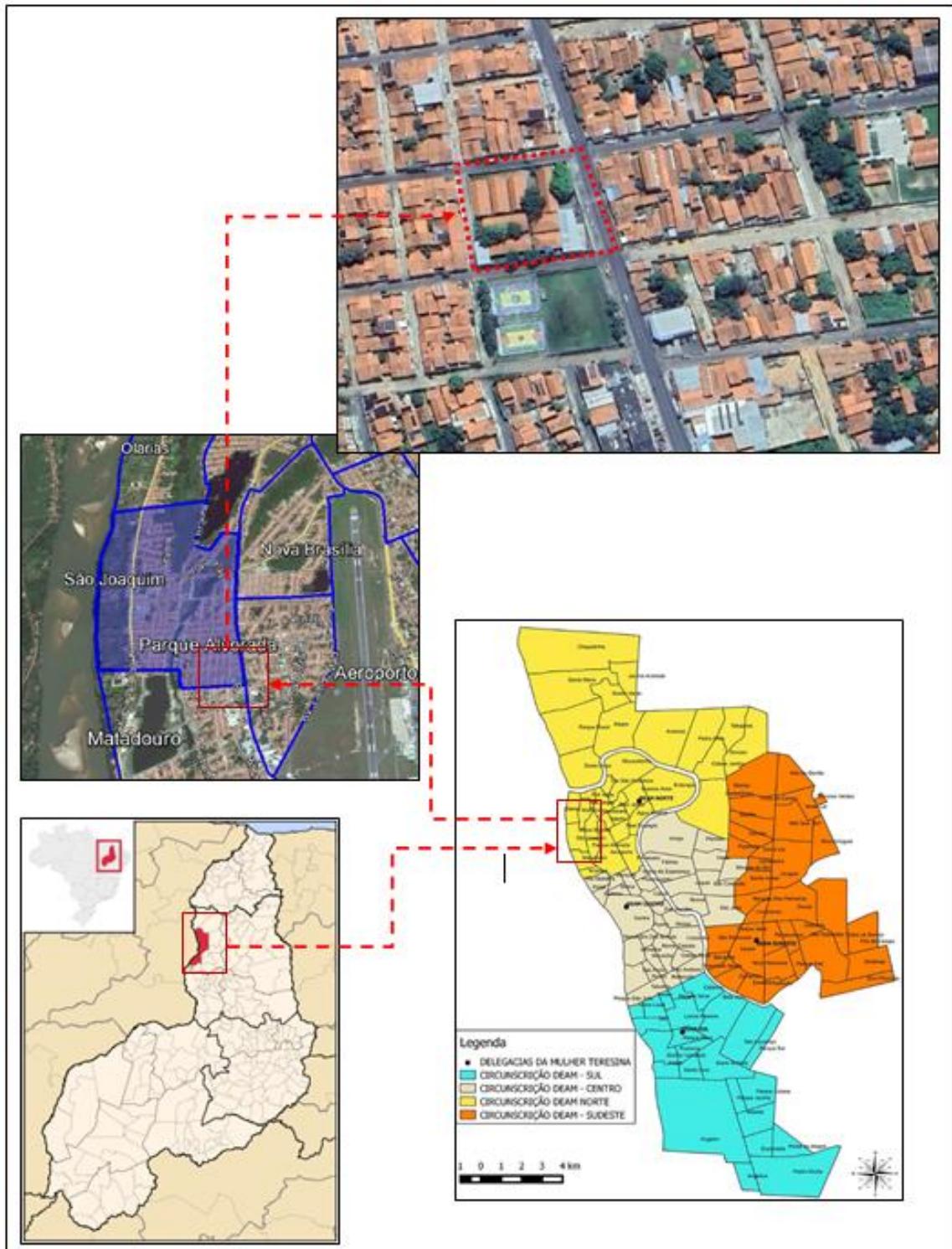
4.1 Caracterização da área de estudo

A escolha da escola, onde foi realizada a pesquisa, ocorreu em função do fácil acesso para o pesquisador. A escola foi fundada em 01 de agosto de 1984, localiza-se na região Norte da cidade de Teresina (Figura 3) na Rua Rui Barbosa, no bairro São Joaquim. A escola oferta o ensino fundamental do 6º ao 9º Ano nos turnos manhã e tarde, assim como a Educação de Jovens e Adultos (EJA) da 1ª a 8ª série no turno da noite.

Em relação ao quadro estrutural da escola, possui quadra esportiva, 13 salas de aula, 2 salas de apoio pedagógico (Projetos e AEE), um espaço para eventos, biblioteca, em relação aos equipamentos, a escola possui caixa de som, dois aparelhos de Datashow que segundo o professor é bastante disputado, assim como o notebook, foi observado que a escola não dispõe de uma sala de vídeo.

Sobre o quadro de professores da escola, compreende de 37 professores, sendo 6 professores de geografia, 3 professores atuam pela manhã e 3 professores atuam pela tarde.

Figura 3 – Localização da escola onde foi realizada a pesquisa.



Fonte: Adaptado de Google Earth (2023), Perfil dos Bairros, PMT (2018), organizado por Costa (2023).

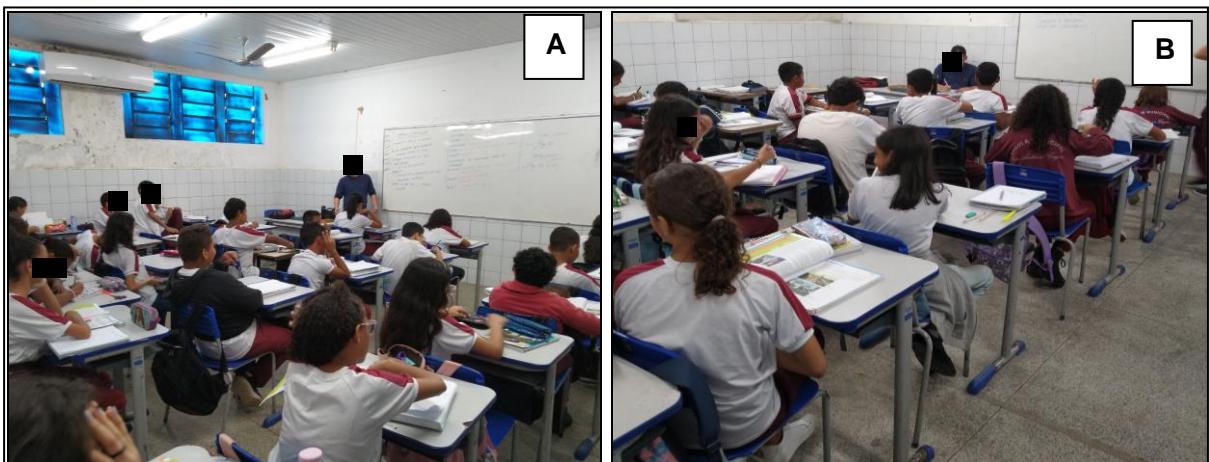
Primeiramente, realizamos a observação das salas de aula em um período de duas semanas, onde observou-se a estrutura e a organização dos alunos. Constatou-se que as mesmas possuem ar condicionado, apesar de serem grandes,

é pequena em relação a quantidade de estudantes, sendo 35 em média por turma e de idades entre 11 e 12 anos.

Em relação às turmas, foi observada a aula do professor, sendo que o mesmo possui duas aulas na semana em cada uma delas. As aulas ocorrem no mesmo dia e em horários seguidos, esse foi uma das premissas para escolha das duas turmas para o experimento pedagógico, pois assim haveria tempo suficiente para a realização da atividade. Outro foi o nível de participação de cada turma, no engajamento com as atividades propostas, o comportamento, e por fim o nível de compreensão dos conceitos, quando abordados pelo professor.

As duas turmas escolhidas têm aulas na quarta-feira. Na turma controle (Figura 4A), observou-se um melhor engajamento nas aulas, com alta participação dos alunos nas atividades propostas pelo professor, além de um comportamento positivo e boas relações com ele. Nesta turma, as aulas de Geografia ocorrem nos dois primeiros horários. Já na turma escolhida como experimental (Figura 4B), notou-se que o professor tinha certa dificuldade em atrair a atenção dos alunos para o conteúdo. Eles se dispersavam com facilidade e alguns eram relutantes em realizar as atividades propostas. As aulas de Geografia dessa turma ocorrem nos dois últimos horários, quando a maioria dos alunos já se encontrava estressada.

Figura 4 – Turmas do Experimento Pedagógico



Fonte: Costa (2023).

Tanto na turma controle como na experimental, no período de observação, o professor já havia trabalhado o conteúdo de paisagem com eles. Foi observado que na turma controle, o mesmo passou uma atividade para que os alunos criassesem um

poema sobre a paisagem que viam através da janela da sala. Além disso, dialogou sobre os conceitos de espaço e o lugar, como complemento do conceito de paisagem abordado anteriormente.

De forma geral, o professor incentiva os alunos a participarem da aula, quanto a forma de ministrar a aula, deixou claro os objetivos da aula, verificou o conhecimento prévio dos estudantes, apresentou domínio do conteúdo, como também utilizou recurso didático ligado a literatura.

4.2 Resultado da entrevista com o professor

A entrevista foi direcionada para o professor das turmas do 6º ano no turno manhã da escola pesquisada, foram abordados a temática tanto do ensino de paisagem como a utilização de recursos didáticos que vão além do livro, do quadro e pincel, além da utilização de filmes nas aulas de Geografia.

O quadro 3 a seguir descreve as perguntas e respostas da entrevista com o professor de Geografia:

Quadro 3 – Entrevista com o professor

| Perguntas | Resposta |
|--|---|
| Qual a formação e o tempo de atuação na escola? | Licenciatura Plena em Geografia com especialização em Geografia do Piauí pela Universidade Estadual do Piauí. Tempo de atuação como efetivo são 19 anos, mas de prática mais de 20 anos, substituto e estagiário. |
| Qual a importância dos recursos didáticos nas aulas de Geografia? | Os recursos didáticos são importantíssimos, se bem que, existe uma dificuldade de acesso a recursos didáticos mais bem elaborados, mais complexos, existe uma certa dificuldade, pela falta de tempo, também pela questão mesmo financeira de nos professores e das próprias escolas. Às vezes você se vê na situação em que você como professor precisa/tem que produzir esses recursos didáticos, de comprar, de trazer de casa, porque a escola, nas vezes que você pede, não tem condição de trazer/ entregar para você. Mas os recursos didáticos são importantíssimos, a gente tem o livro didático, que é uma das ferramentas, mas não é a única que pode ser utilizado. |
| Na sua concepção é importante a utilização de diferentes formas de linguagem no ensino de Geografia? Justifique. | Sim, eu acredito nisso. Acredito que na Geografia a gente pode utilizar a linguagem teatral, a linguagem poética, trazer a poesia, gosto muito de trabalhar com charges, que são desenhos que os alunos gostam, os alunos acham interessante esse tipo de linguagem, linguagem jornalística, então é possível sim, a gente trabalhar com diversas linguagens, inclusive a linguagem de cinema, teatro que eu acho que acrescentam muito na Geografia. É que a Geografia é uma ciência da sociedade, ciência das relações sociais, e nas relações sociais tem muita música, teatro, tem dança, tem poesia e isso. |
| Quais são os recursos didáticos utilizados por | Os recursos didáticos que o professor de Geografia e eu também faço muito uso são os recursos que a gente tenha mais facilidade, e |

| | |
|---|---|
| <p>você em sala de aula para o ensino de Geografia? Porque?</p> | <p>também de manusear, de usar, que possa ser mais prático, então é mapas, imagens, globo terrestre, o globo terrestre nem toda escola tem e as vezes quando tem está danificado, mas sempre alguma escola tem o globo terrestre, e não é um material que seja fácil de o professor adquirir/comprar, mas a escola sempre disponibiliza, sempre tem o globo terrestre, mapas também tem, então o data show, o projetor de multimídias, na minha época era o retroprojetor, hoje em dia se utiliza muito o projetor de multimídias, data show, se bem que também as escolas, nos professores enfrentamos essa dificuldade, que muitas escolas não disponibilizam um projetor de multimídia, se tivesse em cada sala um projetor de multimídia instalado no ponto de o professor chegassem e facilitasse o trabalho dele, seria excelente, mas ai a gente perde um certo tempo, gera tumulto, os alunos chegam a bagunçar, tem toda essa dinâmica. É bom utilizar esses recursos, mas que se torna uma tarefa difícil pra ser feito diariamente/ constantemente, mas esporadicamente a gente usa esses recursos ai.</p> |
| <p>Quais as estratégias utilizadas por você na utilização desses recursos didáticos em sala de aula? Qual o objetivo de utilizar estas estratégias?</p> | <p>Gosto muito de trabalhar música em sala de aula. Então a gente traz uma determinada música que tenha uma relação com a Geografia, com algum determinado tema/ assunto da Geografia e a gente faz uma/ toca a música, mostra as músicas pra eles, que inclusive não faz parte do cotidiano deles, mas que eles precisam conhecer, são músicas da MPB, música brasileira, músicas internacionais que trabalham certos temas geográficos e a gente trabalha ouvindo a música, que a música também tem esse poder de relaxar, de acalmar e também não deixa de ensinar, de aprender através da letra da música, só que a gente vai trazendo pra Geografia, debatendo/ discutindo os temas, fazendo com que eles tenham uma reflexão crítica do que trata a música, música também é poesia, e é isso.</p> |
| <p>Você utiliza filmes/vídeos nas suas aulas? Se sim, como? Se não, porque?</p> | <p>Sim, como eu falei né, essa dificuldade de ter um equipamento, isso ai a gente enfrenta essa dificuldade e também pelo tempo, porque geralmente as redes de ensino elas cobram muito que você dê conteúdo, que você ensine conteúdos e as vezes acontece que quando você passar o vídeo muitos gestores/ diretores acharem que aquilo não é aula, é enrolação, mas se você trabalhar com uma música ou vídeo/ filmes de forma a trazer pra que o aluno reflita, pense sobre o que ta tratando o filme ou uma música, porque eu gosto muito de trabalhar música, então é possível sim trazer pra aula de Geografia esses temas através de filmes ou música.</p> |
| <p>A linguagem cinematográfica no ensino de Geografia na sua perspectiva é uma ferramenta que pode contribuir para o ensino dos alunos? Justifique.</p> | <p>Sim, totalmente, também sou cinéfilo, sou fã de cinema, de filmes. Selecionando bons filmes, filmes que tenham haver, a gente pode trazer para dinâmica em sala de aula, debatendo certos temas trabalhados em filmes e a prática mostra por exemplo no Enem, a um tempo atrás uma aluna tirou nota 1000 porque ela trabalhou a questão de pessoa com problemas mentais trazendo/ fazendo relação com aquele filme do "Coringa", então é possível sim trazer para as aulas, dinamizar as aulas, com cinema, com filme. Ou então levar os alunos até o cinema também seria uma coisa muito interessante, mas complicado, que poderia ser viável.</p> |
| <p>Como é trabalhado nas suas aulas o conceito de paisagem?</p> | <p>O conceito de paisagem é trabalhado de forma que o aluno possa identificar no seu próprio ambiente, no seu próprio espaço de vivencia, é que possa entender o espaço de vivencia deles, o espaço que ele está inserido, as relações sociais e as relações com a natureza, é importante também esse cuidado com a natureza, com a preservação, esse olhar geográfico de cuidar da paisagem, entender que a paisagem o ser humano é muito responsável por ela, ele transforma pode modificar, tanto para o bem ou para o mal, ou destruir ou construir, e isso, e a gente trabalha com imagens, fotografias, músicas também, não é vendido, mas ouvindo, é uma</p> |

| | |
|--|---|
| | forma também de você compreender a paisagem através de outros sentidos, com a audição, outros sentidos que não somente a visão. |
| De que forma você acha que a linguagem fílmica se alinha com a compreensão do espaço geográfico no que se refere a paisagem? | Eu acho que os filmes eles nos mostram uma realidade, ele as vezes confunde, nos filmes, nas novelas, as vezes a realidade imita a ficção e as vezes a ficção é que imita a realidade, então é uma forma da gente trazer esse tema de paisagem, trazer esses conceitos geográficos, fazendo um paralelo/ mostrando que isso faz parte do dia a dia dos alunos, não só na vida social deles, mas também na cultura, na vida cultural que através dos filmes é mostrada essa realidade ou as vezes o contrário a ficção que representa a realidade. |

Fonte: Costa (2023).

Ao analisar as perguntas respondidas pelo professor, podemos destacar a experiência que o mesmo possui na docência no que concerne o ensino de Geografia na educação básica. Diante disso, as perguntas voltadas para o uso de recursos foram esclarecedoras, o mesmo aponta que embora os recursos didáticos sejam importantes em sala de aula, há uma dicotomia quanto ao acesso a esses recursos que vão além do livro didático, o quadro e o pincel. O entrevistado expõe as dificuldades de utilizar esses recursos atrelados às dificuldades de manuseio de alguns aparelhos, a falta de tempo para montar estrategicamente os recursos, a falta de recursos financeiros por parte dos professores e também por parte da instituição.

Ainda destaca, que trabalhar diferentes linguagens de ensino em sala de aula é importante e desperta o interesse dos alunos, o mesmo menciona utilizar música, poesia e também charges. O professor pondera ainda, o uso de recursos mais práticos como recorrentes em suas aulas, como mapas, imagens, o globo terrestre e o Datashow, este ainda acrescenta que se tivesse em cada sala um projetor de multimídia já instalado facilitaria o trabalho no processo de montagem do equipamento, evitando que o tempo decorrido de preparação pudesse desestimular os alunos e deixá-los dispersos na sala.

Em relação ao uso de filmes o entrevistado, ressalta que é um recurso bom de ser utilizado, porém encontra dificuldades de acesso a equipamentos na escola, mesmo ainda menciona que as redes de ensino priorizam o “passar conteúdo” em sala, por vezes tratando a exibição de filmes com algo meramente recreativo.

Os apontamentos do entrevistado, corroboram com a realidade de muitas escolas, em relação a dificuldade de acesso de equipamentos, além disso enaltece a falta de habilidade de professores em manusear alguns equipamentos como computador e projetor, isso limita a possibilidade de explorar recursos didáticos, como o filme em sala de aula. Podemos somar essa limitação a própria percepção

do valor pedagógico do filme, subestimando sua eficácia no ensino, o que pode desestimular professores a utilizarem.

Para contornar tais dificuldades mencionadas, é necessário pensar em ações que garantam infraestrutura adequada, treinamento para os professores, além de repensar o potencial didático do filme pela gestão das escolas. Esse recurso pode ajudar no desenvolvimento de habilidades e competências que visão estimular o aluno a refletir e pensar criticamente.

Quando questionado sobre o ensino da paisagem em suas aulas, o professor destaca busca fazer com que o aluno consiga identificar os elementos da paisagem a partir do espaço de vida, ou seja, a partir do lugar de vivência. Acrescenta que busca usar imagens, fotografias e músicas, contextualizando a paisagem não só pelo que se pode ver, mas pelo que se pode perceber usando outros sentidos.

A abordagem da paisagem por meio desses recursos pode facilitar a compreensão dos conceitos pelos alunos, mas é importante variar essa abordagem, incorporando outras práticas, por exemplo, mapas interativos (Google Earth), vídeos, filmes e documentários, jogos, além de aulas de campo, em locais próximos, para que os alunos possam observar e analisar diretamente os elementos da paisagem.

O professor reconhece a relevância da linguagem fílmica para compreensão da paisagem. Apesar de não ter muita clareza em sua resposta, podemos aferir que o filme permite mostrar a realidade ou uma representação dela, que é uma ferramenta valiosa para o ensino de Geografia e o estudo da paisagem e permite fazer um parelho entre realidade e ficção, podendo, às vezes, confundir, a realidade imitar a ficção, e a ficção refletir a realidade.

Integrar filmes no ensino de Geografia é uma possibilidade eficaz, desde que tenha um bom planejamento, para trazer contribuições positivas para os alunos, uma compreensão profunda da paisagem, permitindo que eles vejam que os elementos estão presentes no cotidiano deles e que esses elementos estão em constante transformação seja por fatores naturais ou antrópicos.

4.3 Análise do livro didático do 6º ano ensino fundamental

Com o viés de conhecer como é a aplicação do conceito de paisagem buscou-se ainda compreender a base estabelecida no livro didático utilizado nas aulas de Geografia nas turmas de 6º ano na escola pesquisada (Quadro 4), na qual

a análise do livro segue o roteiro pré-estabelecido com as seguintes abordagens: Concepção teórica abordada, a utilização de imagens e fotografias, a adequação ao nível de escolaridade tanto de conceito quanto em relação ao nível de questões, e se o mesmo permite a contextualização nas aulas afim de estabelecer relações com o cotidiano dos alunos.

Quadro 4 – Roteiro de Análise do Livro Didático

| Dados de identificação do livro didático | |
|--|--|
| Nome: Araribá Mais Geografia 6º ano | |
| Ano: 2018 | |
| Autor (s): Obra coletiva, Editor Cesar Brumini Dellore | |
| Formação do Autor (s): Bacharel em Geografia pela Universidade de São Paulo. | |
| Editora: Moderna | |
| Coleção: Araribá Mais | |
| Volume: 1ª edição | |
| Local de publicação: São Paulo | |
| Nível de ensino: 6º ano fundamental Anos Finais | |
| Unidades e Capítulos: 8 unidades e 18 capítulos. | |
| Referência: DELLORE, Cesar Brumini. Araribá Mais Geografia 6º ano. 1ª Edição, São Paulo: Moderna , 2018. | |

Fonte: Dellore (2018).

Fonte: Costa (2023).

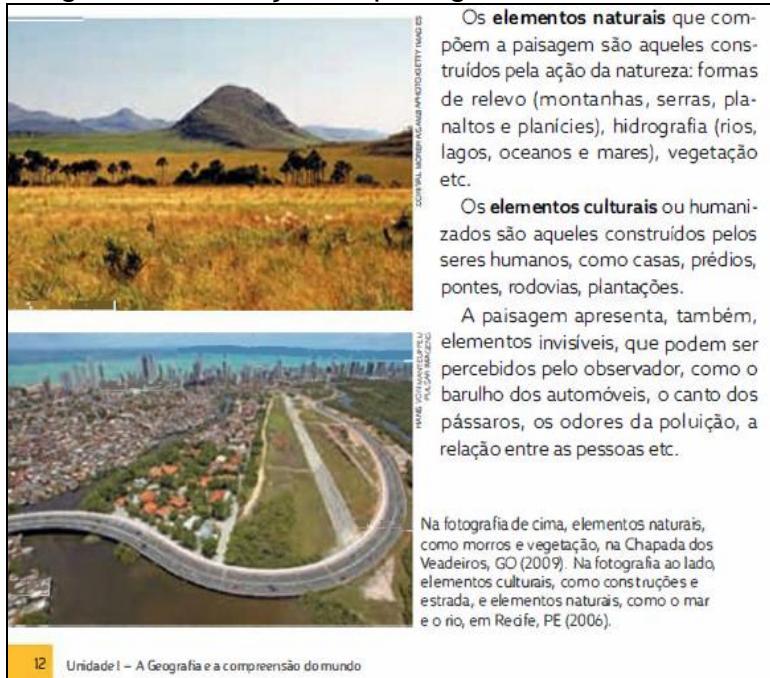
O livro didático utilizado em sala de aula pelo professor e alunos do 6º ano que participaram desta pesquisa é da coleção Araribá, tem como fundamento metodológico a BNCC, que sistematiza as habilidades e objetivos de aprendizagem em cada capítulo, foi identificado que as habilidades que aparecem na maioria dos capítulos são a habilidade EF06GE11 aparece em 13 dos 18 capítulos, seguido da habilidade EF06GE06 que aparece em 8 capítulos.

O livro, contempla a abordagem da paisagem já no primeiro capítulo, o tema da paisagem no primeiro capítulo traz consigo uma concepção humanista, define a paisagem a partir de um conjunto de elementos que são percebidos em um local, tanto naturais como culturais ou humanizados. O capítulo, trabalha as habilidades EF06GE01, EF06GE02, EF06GE06 e EF06GE11.

Desde o primeiro capítulo (Figura 5), o entendimento da paisagem já é bem definido a partir dos elementos, paisagem naturais com elementos advindos dos

processos da ação da natureza, culturais ou humanizados, são construídos pela ação humana, ainda destaca que há na paisagem elementos não vistos, mas percebidos pelos sentidos da audição e pelo olfato, como representado na figura abaixo.

Figura 5 – Definição da paisagem no livro didático



Fonte: Dellore (2018).

Além disso, o livro ainda mostra que há paisagens predominantemente naturais, mas que nessas paisagens possuem um certo grau de intervenção humana, e as paisagens culturais são paisagens que predominam elementos resultantes da ação humana. O livro didático, nesse sentido, destaca a ideia de que uma paisagem cultural ou humanizada, é um conjunto de elementos naturais e modificados, além de possibilitar identificar historicamente o modo de vida das pessoas, através das construções históricas, casas, modificações na paisagem de uma cidade por exemplo (Figura 6).

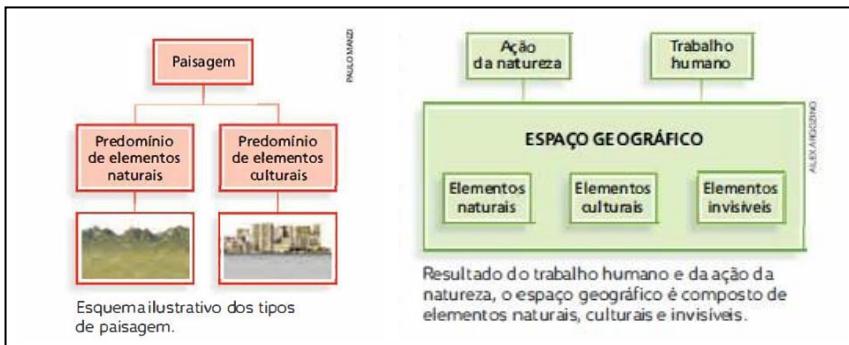
Figura 6 – Transformação da paisagem urbana



Fonte: Dellore (2018). Adaptado pelo autor (2023).

O livro didático ainda trabalha os conceitos de espaço e lugar de forma integrada com o conceito de paisagem, define o espaço geográfico como um conjunto de paisagens, modificadas pela interferência humana, e o lugar é uma porção do espaço, que o ser humano modifica e estabelece um vínculo de pertencimento (Figura 7).

Figura 7 – Síntese dos conceitos de paisagem e espaço geográfico



Fonte: Dellore (2018). Adaptado pelo autor (2023).

A interação desses conceitos guia o desenvolvimento dos capítulos subsequentes, além de trazer diversas formas de compreender a paisagem a partir dos elementos físicos, como a formação do relevo, dinâmica da Terra, terremotos, vulcanismo, entre outros, elementos culturais, incluindo a modificação da paisagem através da atividade econômica, urbanização, uso do solo e exploração dos recursos naturais, mostrando as consequências da interação homem e natureza.

Apresenta diversos textos complementares (Figura 8) para professores e estudantes sobre a paisagem. Esses textos, enriquecem a abordagem sobre esse conceito, são complementos bem selecionados com autores renomados, agregando profundidade ao conteúdo, porém observa-se que há uma necessidade de adaptar a complexidade da linguagem para os alunos do 6º ano, a quem destina-se esse livro didático.

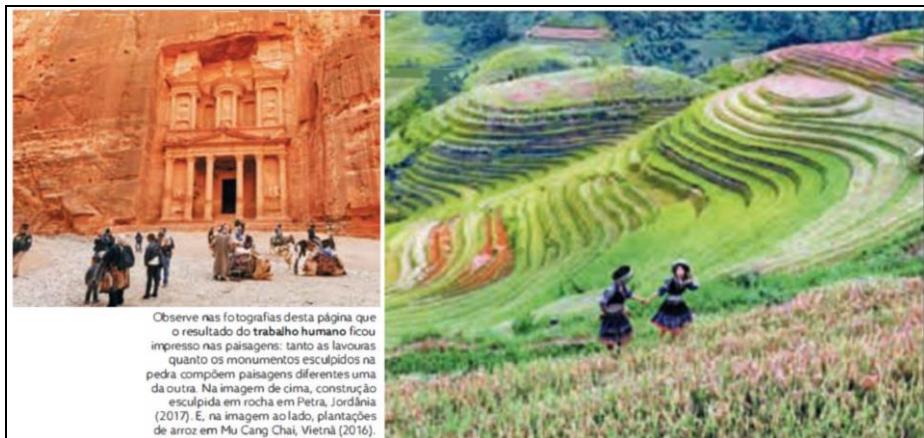
Figura 8 – Texto complementar sobre paisagem

| | | | | |
|--|---|-------------------------|---|--------------------------|
| <p>► Texto complementar</p> <p>A paisagem</p> <p>A paisagem revela a realidade do espaço em um determinado momento do processo. O espaço é construído ao longo do tempo de vida das pessoas, considerando a forma como vivem, o tipo de relação que existe entre elas e que estabelecem com a natureza. Dessa forma, o</p> | <p>lugar mostra, através da paisagem, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza de tais recursos.</p> <p>A paisagem é o resultado do processo de construção do espaço. [...] Cada um vê a paisagem a partir de sua visão, de seus interesses, de sua concepção.</p> | <p>12 – 1º BIMESTRE</p> | <p>► Texto complementar</p> <p>A respeito das diferenças encontradas nas paisagens urbanas</p> <p>A paisagem urbana metropolitana refletirá assim a segregação espacial, fruto de uma distribuição de renda estabelecida no processo de produção. Tal segregação aparece no acesso a determinados serviços, à infraestrutura, enfim, aos meios de consumo coletivo. O choque é maior quando se observa as áreas da cidade destinadas a moradia.</p> | <p>1º BIMESTRE – 13</p> |
| <p>► Texto complementar</p> <p>O geógrafo Milton Santos, em seu livro <i>Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional</i>, analisa as crescentes ações antrópicas na transformação da natureza:</p> <p>As atividades mais modernas, na cidade e no campo, passam a exigir adaptações do território, com a adição ao solo de acréscimos cada vez</p> | <p>mas também pode ser resultante de movimentos da natureza. Esta paisagem precisa ser apreendida para além do que é visível, observável. Esta apreensão é a busca das explicações do que está por detrás da paisagem, a busca dos significados do que aparece. [...]</p> <p>CASTRO GIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). <i>Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano</i>. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 96-97.</p> | <p>1º BIMESTRE – 13</p> | <p>mais baseados nas formulações da ciência e na ajuda da técnica. O meio ambiente construído se diferencia pela carga maior ou menor de ciência, tecnologia e informação, segundo regiões e lugares: o artifício tende a se sobrepor e substituir a natureza.</p> <p>SANTOS, Milton. <i>Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional</i>. São Paulo: Edusp, 2008. p. 36.</p> | <p>4º BIMESTRE – 167</p> |

Fonte: Dellore (2018). Adaptado pelo autor (2023).

Em relação ao quadro ilustrativo o livro, apresenta uma diversidade de imagens e figuras exemplificando os conteúdos abordados no corpo do texto, ampliando a compreensão visual e contextualizando as paisagens em evidência. Essas ilustrações retratam as características das paisagens naturais e humanizada, demonstrando como o ser humano interage e modifica esses ambientes (Figura 9).

Figura 9 – Ilustrações do livro didático



Fonte: Dellore (2018). Adaptado pelo autor (2023).

O livro oferece uma grande variedade de sugestões tanto para os professores como para os alunos. Tais sugestões, referem-se a sites, livros, filmes, curtas-metragens e documentários, proporcionando uma variedade de recursos para enriquecer as discussões e entendimento dos conceitos, destacados na Figura 10.

Figura 10 – Indicações e sugestões de livros e filmes

| | | |
|--|---|--|
|  Sugestões para o estudante: WALL-E. Direção: Andrew Stanton. Estados Unidos, 2008. Duração: 1h38. A animação conta a história de um robô deixado sozinho no planeta Terra para compactar o lixo deixado pelos seres humanos. A LUTA pelo básico – Saneamento salvando vidas. Direção: Instituto Trata Brasil. Brasil, 2017. Duração: 15 min. O curta mostra os impactos na vida de moradores de comunidades brasileiras com a implantação do saneamento básico. |  Sugestão para o professor e o estudante: VERNE, Júlio. <i>A volta ao mundo em 80 dias</i> . 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2008. Relata a história de um aventureiro inglês que faz uma viagem ao redor do mundo, durante a qual conhece as paisagens e culturas de vários continentes. |  Sugestão para o professor: O NÚCLEO: missão ao centro da Terra. Direção: Jon Amiel. Estados Unidos: Paramount, 2003. Duração: 1h35 min. Um geólogo percebe que o planeta parou de girar e que os seres vivos podem ser extintos em poucos meses. Uma equipe de cientistas parte em direção ao núcleo da Terra para reativar o movimento de rotação. |
|  Sugestão para o estudante: FOTOS de paisagens rurais. Disponível em: < https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/7868-paisagens-rurais-fotografadas-pelos-leitores#foto-153467 >. Acesso em: 26 jun. 2018. O álbum conta com diversas fotografias de paisagens rurais de diferentes regiões do mundo, realizadas pelos leitores do jornal. É possível perceber paisagens tanto com pouca interferência humana quanto com criação de animais e agricultura. | | |
|  Sugestões para o professor: AMORIM, L. T.; OLIVEIRA, I. P. As relações entre o surgimento da sociedade pós-industrial e a revolução ambiental. <i>Revista Faculdade Montes Belos</i> , v. 4, n. 1, set. 2011. GONÇALVES, Carlos Walter Porto. <i>A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização</i> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. _____. <i>Os (des)caminhos do meio ambiente</i> . São Paulo: Contexto, 2006. | | |

Fonte: Dellore (2018). Adaptado pelo autor (2023).

Em relação às atividades, estas são dispostas ao final de cada capítulo. Essas atividades sistematizam os conceitos trabalhados no decorrer do capítulo correspondente, verificando o conhecimento dos alunos e se os mesmos atingiram os objetivos propostos na BNCC. Ademais, apresenta atividades interdisciplinares, que complementam o conteúdo abordado, por meio de sessões extras, cada qual com objetivo específico, denominadas como integrar conhecimento, que tem como objetivo uma abordagem interdisciplinar do componente curricular de Geografia com outros (História, Artes, Matemática, Ciências); Lugar e cultura, destaca manifestações culturais e aspectos históricos; Em prática, tem como objetivo desenvolver o raciocínio geográfico por meio da linguagem cartográfica; Mundo em escalas, relaciona eventos locais com globais e vice-versa; Ser no mundo, tem por objetivo trabalhar questões socioemocionais relacionados à identidade; Para refletir, apresenta questões problemas para discussão em sala (Anexo A).

Em síntese, o livro didático se destaca pela objetividade e pela construção progressiva da base teórica, sendo essa enriquecida ao longo das páginas por meio de textos complementares e sugestões para aprofundamento e discussão sobre a paisagem, o espaço geográfico e o lugar. Além disso, incentiva o desenvolvimento de habilidades de interpretação de imagens, gráficos e infográficos por meio de atividades complementares.

Nesse sentido, o livro didático oferece muitas alternativas para trabalhar o conteúdo de paisagem, possibilita relacionar esse conceito com a realidade dos

alunos, além de instigar a análise crítica e reflexiva das consequências da ação do ser humano nas diversas paisagens.

4.4 Resultado do questionário com os alunos

Os questionários foram direcionados aos estudantes, contempla a culminância da aplicação do experimento pedagógico, nas duas turmas, controle e experimental, em que verificou-se o conhecimento dos alunos acerca da paisagem por meio do questionário de verificação de aprendizagem e sobre o uso de recursos didáticos nas aulas de Geografia.

Então os resultados dessa abordagem serão apresentados por meio de quadros, tabelas e gráficos de modo a comparar as duas turmas e estabelecer um comparativo do uso do filme “O bicho vai pegar” como recurso didático. Sendo assim, a turma controle está identificada com letras do alfabeto (de A a G) e a turma experimental identificada com por numerais (de 1 a 7).

4.4.1 Comparativo sobre recurso didático

Neste item está contemplado o questionário sobre recurso didático, referente a aplicação realizada nas turmas controle e experimental. A abordagem dos questionários para as duas turmas, seguiram com um mesmo objetivo, conhecer se os alunos tinham afinidade com os recursos didáticos, se o professor incentiva a utilização de recursos audiovisuais nas aulas, e se os mesmos conseguem identificar elementos da paisagem através de filmes. Por fim, a última questão teve caráter específico, direcionado a turma experimental, em que foi aplicado o recurso didático do filme de animação, ao qual foi questionado se por meio do filme eles conseguem compreender melhor a paisagem, e seus elementos constituintes.

O quadro 5 indica se os alunos gostam ou não de assistir filmes, e os motivos pela sua preferência.

Quadro 5 – Preferência por Filmes e Motivação

| TURMA | Alunos | Resposta |
|--------------|---------|---|
| Controle | Aluno A | Sim, porque gosto de ver as histórias , podem ser reais ou inventados , são variações de filmes , você pode chorar, rir etc. , você pode sentir várias emoções . |
| | Aluno B | Sim, pois as histórias contadas são interessantes . |
| | Aluno C | Sim, porque é legal todas aquelas visões de ótica as imagens coloridas (etc) e isso eu gosto muito. |
| | Aluno D | Sim, porque filmes me traz muita alegria . |
| | Aluno E | Eu amo assistir filmes porque me traz alegria, tensão, felicidade, suspense, coragem , e meu estilo de filme é terror, meu predileto. |
| | Aluno F | Sim, gosto muito porque tem filme com músicas e desenho, arte etc. |
| | Aluno G | Sim, acho interessante por descobrir novos elementos, palavras, atores e distrair a mente . |
| Experimental | Aluno 1 | Sim, porque eu gosto de assistir desenhos e vários outros. |
| | Aluno 2 | Sim, porque eles são muito legais . |
| | Aluno 3 | Sim, pois são muito legais e é divertido . |
| | Aluno 4 | Sim, porque dá mais experiência . |
| | Aluno 5 | Sim, porque é muito legal . |
| | Aluno 6 | Sim, porque ensina coisas que nas escolas não ensina . |
| | Aluno 7 | Sim, porque é bom . |

Fonte: Costa (2023).

Fazendo o comparativo, a turma controle foi mais bem detalhista em suas colocações do que a turma experimental, ao analisar o primeiro grupo enfatiza muito a questão da história contada nos filmes como algo atrativo, aliado a isso as emoções na qual o mesmo proporciona, os sentimentos como citado pelo aluno A. Outros alunos destacam que os filmes apresentam novas formas de ver o mundo, abordam a questão da sonoridade e permitem que aprendam coisas novas, incluindo palavras.

Podemos salientar a contextualização de Votto, Rodrigues (2017) e Peron (2019), em que os autores em seus discursos destacam a relevância que o filme tem de abrir caminho para o conhecimento dos alunos de outros lugares, de outras culturas, de outras realidades, que os mesmos não teriam acesso, se não por meio do filme. Além disso, possuem diversas linguagens, a música, as imagens, as cenas, proporcionam uma variedade de sentimentos emoções, e inspira uma diversidade de interpretação do espectador, como sugere Tomasi e Bortoli (2017), acentuam que o espectador é influenciado a partir da visão de mundo que é apresentada por meio da obra cinematográfica.

O filme proporciona que os alunos tenham uma conexão com a realidade apresentada, quanto mais se identificar com filme, mais ele prende a atenção, possibilitando analisar melhor os elementos que ele transmite. Outro aluno também

ressaltou que o filme serve para distrair a mente, ao analisar essa distinção, podemos imaginar que esse aluno costuma assistir filmes, como uma forma de descontrair, de relaxar, como uma forma de lazer.

A turma experimental, todos responderam que gostam de filmes, alguns afirmando que gostam de desenhos, que são divertidos. O aluno 6, em sua colocação destacou que o filme o permite aprender coisas que normalmente não aprende na escola, analisando essa colocação, podemos entender que essa ideia pode ser gerada quando o aluno não consegue fazer uma conexão entre os conteúdos e o filme assistido.

Sobre o uso de recursos didáticos multimídia como filmes e músicas, por parte do professor da sala (Tabela 1), tanto os alunos da turma controlem como da turma experimental responderam que “sim”, a maioria dos estudantes observou que o professor utiliza esses recursos ocasionalmente (às vezes).

Tabela 1 – Uso de Recursos Multimídia nas Aulas

| Respostas | Nº de alunos (Controle) | Nº de alunos (Experimental) | % (Controle) | % (Experimental) |
|-----------|----------------------------|--------------------------------|-----------------|---------------------|
| Às vezes | 6 | 5 | 85,71 | 71,43 |
| Raramente | 1 | 2 | 14,29 | 28,57 |
| Total | 7 | 7 | 100,00 | 100,00 |

Fonte: Costa (2023).

Essa questão da frequência de utilização dos recursos multimídia levou em consideração os critérios estabelecidos pelo pesquisador, baseados no período de observação e na entrevista com o professor. Embora exista a opção de uso raro desses recursos, a distribuição das aulas permitiu que o professor os utilizasse ao menos duas vezes por mês. Durante as observações, verificou-se o uso de recursos didáticos relacionados à literatura e à música. Diante disso, a utilização dos recursos multimídia foi considerada satisfatória.

Em complemento a questão anterior quando questionados sobre preferência dos recursos que o professor utiliza (Quadro 6), os alunos das duas turmas afirmaram que sim, da turma controle, destacaram que os recursos tornam a aula mais atrativa, divertida, alguns relacionaram a música, já na turma experimental afirmaram que ajuda no ensino, na aprendizagem do conteúdo, que é divertido.

Quadro 6 – Preferência por Recursos Utilizados em Aula

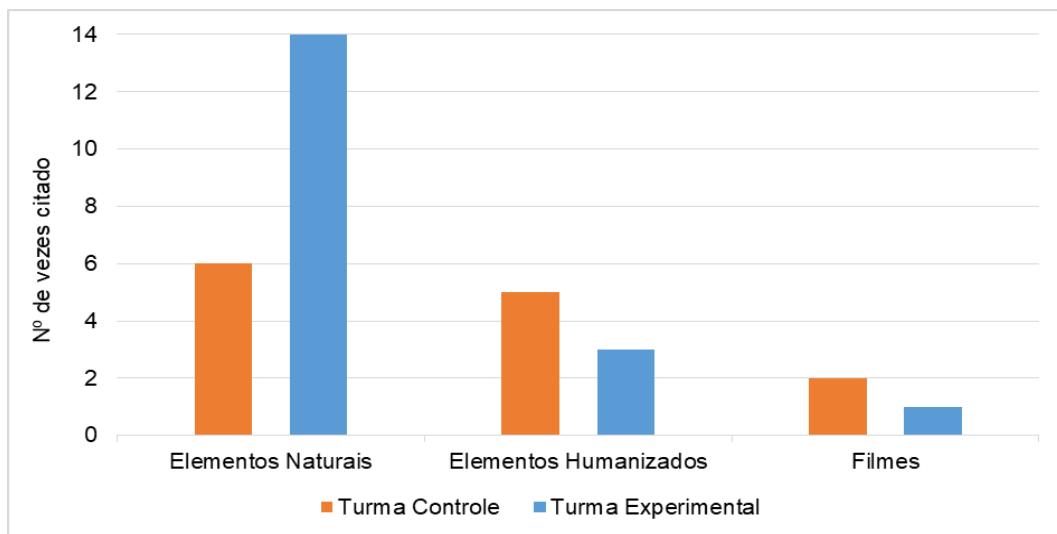
| TURMA | Alunos | Resposta |
|--------------|---------|--|
| Controle | Aluno A | Sim, porque é muito legal , você pode aprender ouvindo etc. |
| | Aluno B | Sim, pois anima a aula . |
| | Aluno C | Sim, porque é bom, você vai ouvindo, observando e também aprendendo mais sobre a disciplina . |
| | Aluno D | Porque é legal e a gente se diverte . |
| | Aluno E | Sim, porque ou é sobre o conteúdo de prova ou para nós intertir . (sic) |
| | Aluno F | Sim eu gosto porque distrai um pouco e mais divertido . |
| | Aluno G | Sim, um novo jeito de estudo . |
| Experimental | Aluno 1 | Sim, porque é muito importante para nosso ensino . |
| | Aluno 2 | Sim, porque é mais fácil de aprender . |
| | Aluno 3 | Sim, pois vou aprender com o filme que ele passar . |
| | Aluno 4 | Sim, porque não escrevo . |
| | Aluno 5 | Sim, é legal e aprendemos assistindo . |
| | Aluno 6 | Sim, porque a gente aprende mais . |
| | Aluno 7 | Sim, porque é divertido |

Fonte: Costa (2023).

Em síntese, os recursos didáticos prendem a atenção dos alunos, aliados a uma metodologia auxiliam que os mesmos possam aprender os conteúdos com mais facilidade de forma descontraída.

O gráfico 1 aborda a questão sobre a percepção da paisagem nos filmes que os alunos costumam assistir.

Gráfico 1 – Percepção de Elementos Geográficos em Filmes



Fonte: Costa (2023).

No que diz respeito à questão apresentada no gráfico 1, todos afirmaram que conseguem identificar os elementos de uma paisagem, ao analisar as respostas dos dois grupos observa-se que citaram muitos elementos, de forma a mesclar diferentes

elementos natural e humanizados, alguns alunos chegaram a citar longas de animação, como a turma experimental alguns estudantes citaram a “Moana, Rapunzel” e até mesmo o filme utilizado no experimento.

Podemos verificar no gráfico 1, que os alunos em maioria identificam mais elementos naturais da paisagem do que os humanizados, isso se justifica pela idade dos alunos (11-12 anos), por estarem na fase da imersão dos conceitos geográficos no 6º ano, eles ainda tem uma visão da paisagem atrelada a natureza, aquilo que é do senso comum, do que é belo, e de certa forma, a percepção da paisagem parte da visão, como afirmado por Callai (2004), aquilo que percebemos pela visão leva consigo uma seletividade, então, o olhar crítico da paisagem pelos alunos exige um processo que é desenvolvido a partir do 6º ano.

A pergunta adicional foi direcionada apenas à turma experimental, na qual houve a aplicação do experimento. Buscou-se saber se o filme melhorou a aprendizagem dos alunos (Quadro 7). Diante das respostas, todos afirmaram que sim, que os filmes melhoraram o aprendizado. Alguns alunos relataram que, por meio deles, conseguem se concentrar melhor e aprender novas coisas.

Quadro 7 – Impacto de Filmes para Aprendizagem

| Alunos | Resposta |
|---------|--|
| Aluno 1 | Sim, porque melhora minha aprendizagem e nosso conhecimento . |
| Aluno 2 | Sim, é muito fácil de aprender . |
| Aluno 3 | Sim, pois podemos aprender riscos de vida . |
| Aluno 4 | Sim, porque vendo, concentra, dá para aprender melhor . |
| Aluno 5 | Sim, assim aprendemos novas coisas . |
| Aluno 6 | Sim, porque eu gosto muito de assistir e isso faz que eu entenda melhor . |
| Aluno 7 | Sim, porque eles aparecem elementos naturais e humanizados . |

Fonte: Costa (2023).

O uso do filme como recurso didático, conduzido de forma objetiva pelo professor, torna-se uma ferramenta educacional que facilita a compreensão dos alunos. Selecionar filmes que eles gostem, como animações adequadas à idade e escolaridade, permite ao professor manter a atenção da turma de forma eficaz, tornando o aprendizado mais convidativo e participativo.

4.4.2 Comparativo da verificação de aprendizagem

A tabulação dos dados a seguir é referente ao questionário de verificação de aprendizagem aplicado nas duas turmas controle/experimental, buscando comparar as respostas de cada uma das turmas referente a aplicação da aula de revisão sobre o conteúdo de paisagem e a execução do experimento pedagógico.

Foram analisadas as perguntas referentes ao conceito de paisagem natural e paisagem humanizada, verificando se os alunos conseguem identificar separadamente os elementos de cada conceito de paisagem e por fim foi indagado como os mesmos percebem a paisagem do lugar onde vivem.

O quadro 8 representa as respostas dos alunos sobre o que eles compreendem ser a paisagem natural.

Quadro 8 – Compreensão da Paisagem Natural

| TURMA | Alunos | Resposta |
|--------------|---------|--|
| Controle | Aluno A | Árvores, florestas, flores, montanhas. |
| | Aluno B | A paisagem natural compreende coisas da natureza, como árvores, montanhas etc. |
| | Aluno C | Árvores, rios, montanhas, animais, solo. Porque isso é uma coisa que é da natureza. |
| | Aluno D | Coisas da natureza como plantas, árvores e flores, montanhas. |
| | Aluno E | Coisas da natureza, como por exemplo, árvores, flor, plantas, água, floresta. |
| | Aluno F | Compreende os elementos da natureza como: plantas, árvores, montanhas, riachos e etc. |
| | Aluno G | Rio, montanha, floresta, arvores, flores, campos. |
| Experimental | Aluno 1 | Aquilo que é natural tipo a floresta e os animais. |
| | Aluno 2 | Os elementos que não foram modificados. |
| | Aluno 3 | É quando a paisagem não foi modificada por ser humano. Tipo as cachoeiras, os animais. |
| | Aluno 4 | Arvores, rios, animais e floresta. |
| | Aluno 5 | Arvores, animais, rochas, céu e etc. |
| | Aluno 6 | Paisagem natural são os rios, mares, terras. |
| | Aluno 7 | As plantas, árvores, flores. |

Fonte: Costa (2023).

Em primeira análise, podemos destacar que os dois grupos de alunos caracterizaram de forma consciente os elementos essências de uma paisagem natural como árvores, florestas, animais, rios. Possuem uma compreensão do que é paisagem natural, destacando que na turma controle enfatizaram os elementos naturais e na turma experimental embora todo tenham citado os mesmos elementos, dois alunos já trouxeram em sua resposta uma informação a mais, buscaram uma

definição além dos elementos naturais, enfatizaram ainda que são os elementos não modificados pelo homem.

Essa comparação mostra que ambas as turmas compartilham de um mesmo entendimento básico do que é paisagem natural, a turma experimental amplia um pouco essa definição.

Em análise das respostas referente a compreensão dos alunos sobre paisagem humanizada e cultural (Quadro 9), a turma controle como pode ser observado listou os elementos construídos pelo homem, destacando edifícios, comércios, infraestruturas do espaço urbano, desenvolveram a definição do conceito identificando uma variedade de elementos constituintes. Ambas as turmas destacaram que a paisagem humanizada é aquela que sofre a influência do ser humano seja como construindo ou modificando da paisagem.

Quadro 9 – Compreensão da Paisagem Humanizada ou Cultural

| TURMA | Alunos | Resposta |
|--------------|---------|--|
| Controle | Aluno A | Casas, igrejas, ruas, prédios, lojas. |
| | Aluno B | Caracterizados coisas pelos homens como, prédios, casas, pontes etc. |
| | Aluno C | Casas, postes, ruas, prédios porque isso não é uma coisa da natureza é feito pelos homens então é humanizado. |
| | Aluno D | Coisas que o ser humano faz, como estatua, pintura, desenho, casas e ruas. |
| | Aluno E | Coisas que o ser humano fez, como estatua, pinturas, desenhos. |
| | Aluno F | Caracteriza coisas feitas pelo homem, como casas, piscina, prédios, ruas entre outros. |
| | Aluno G | Casas, prédios, shopping, rua. |
| Experimental | Aluno 1 | Humaniza é aquela que é feita pelos humanos, cultural é aquela que não é feita pelos humanos. |
| | Aluno 2 | Coisas que foram construídas pelo ser humano. |
| | Aluno 3 | Humanizado é quando a pessoa modifica as coisas. Cultural é quando já é da li, não é. |
| | Aluno 4 | Prédio, rua, ponte, casa, carro e arma. |
| | Aluno 5 | Um pouco de natureza e um pouco de cidade. |
| | Aluno 6 | Culturas e dança, festa junina, humanizado e naturais. |
| | Aluno 7 | Casas, prédios, carros, poste de energia. |

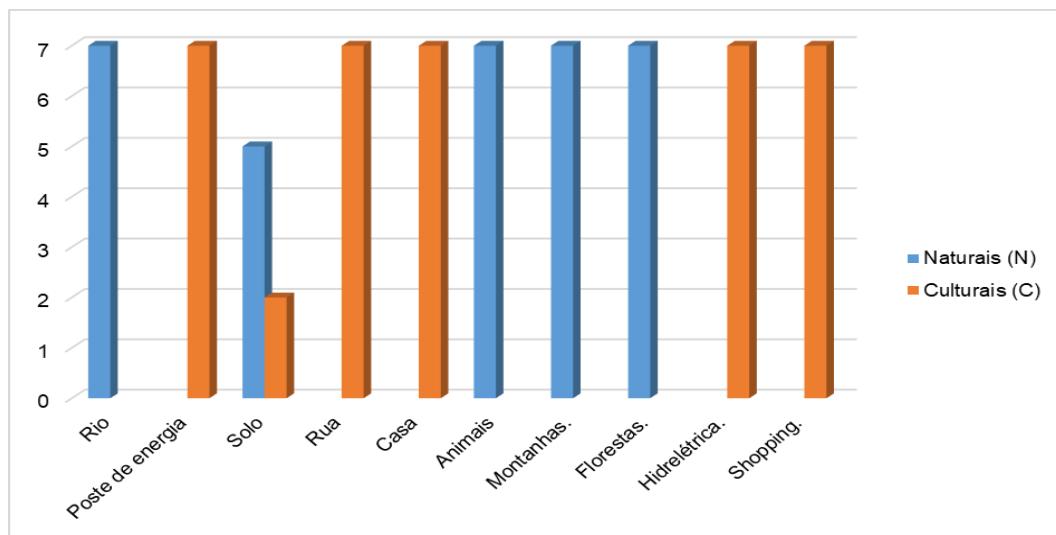
Fonte: Costa (2023).

O aluno 3 faz uma distinção entre "humanizado" e "cultural", relacionando o cultural a algo que já existe sem a interferência humana. O aluno 5 indica que há uma combinação de natureza e cidade, essa resposta condiz com o que é representado no filme "O bicho vai pegar", na qual a interação entre a vida selvagem e a cidade é muito forte. O aluno 6 não apresenta uma definição explícita de

paisagem humanizada, mas destaca elementos específicos da paisagem cultural, como tradições festivas, e sugere que há elementos naturais na paisagem humanizada.

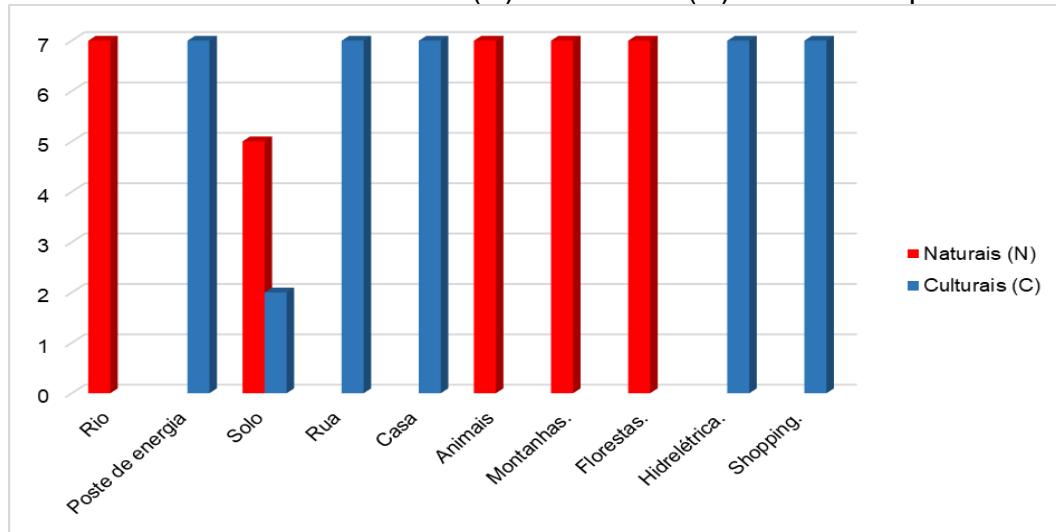
Os gráficos (2 e 3) representam os acertos dos alunos quando solicitados a identificarem os elementos que são culturais e naturais.

Gráfico 2 – Elementos Naturais (N) e Culturais (C) – Turma controle



Fonte: Costa (2023).

Gráfico 3 – Elementos Naturais (N) e Culturais (C) – Turma Experimental



Fonte: Costa (2023).

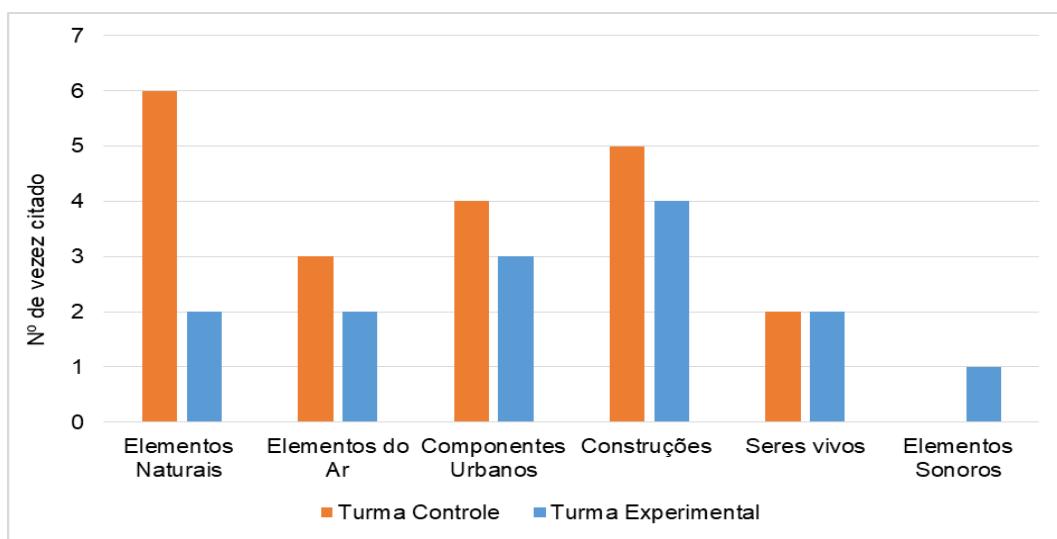
A comparação dos gráficos 2 e 3, mostra que tanto a turma controle quanto a experimental, tiveram a mesma quantidade de acertos, sendo que ambas as turmas dois alunos indicaram o “solo” como elemento constituinte da paisagem cultural.

Segundo afirmador por Neves e Ferraz (2011), os fenômenos naturais associados a fatores econômicos são constituintes da paisagem cultural, como a agricultura, que está associada ao uso e apropriação do solo. Contudo, o solo em si, é de origem natural, sem qualquer modificação pela influência humana, os elementos culturais como já conceituado são elementos criados ou modificados influenciados pelas atividades humanas, embora a urbanização e atividade agrícola atinja o solo, ainda permanece como elemento natural.

A questão em evidência demonstra que os alunos em ambas as turmas têm uma compreensão inicial positiva, embora observasse que construção conceitual ainda exige que seja importante continuar reforçando as discussões sobre esses conceitos.

O gráfico 4 refere-se à comparação das respostas do questionamento sobre como os alunos percebem a paisagem no aspecto visível e invisível do local onde moram. Para sistematizar realizou-se um agrupamento dos elementos citados, seguindo alguns critérios, elementos naturais representam o aspecto físico da natureza, na qual os alunos citaram as árvores, o rio; os elementos do ar citados foram o ar, oxigênio e o vento; os componentes urbanos, a rua e a praça; construção relacionando os elementos citados como casa, prédio e comércio; os seres vivos, são os animais e as pessoas, já o elemento sonoro citado foi o som.

Gráfico 4 – Elementos Visíveis e Invisíveis da Paisagem de Onde Moram



Fonte: Costa (2023).

Em análise, o Gráfico 4 mostra que a maioria dos alunos da turma controle identificou elementos físicos da natureza, construções e elementos do ar. Em

contrapartida, os alunos da turma experimental apresentaram respostas mais bem distribuídas no gráfico, citando elementos visíveis e invisíveis de uma paisagem, além de elementos sonoros.

Como identificado na descrição da área de estudos, os alunos vivem no entorno da escola pesquisada, que é uma área urbana muito movimentada. A partir disso, podemos salientar que os alunos têm uma certa compreensão da paisagem e de seus elementos, sejam eles visíveis, ou não, porém a compreensão ainda recaí naquilo que eles podem perceber com a visão.

Em relação à aplicação do experimento pedagógico, deve-se levar em consideração as dificuldades encontradas para sua aplicabilidade em sala de aula, tanto em relação aos aparelhos que a escola dispõe quanto pela dinâmica da sala. No dia, o notebook estava com problemas, a caixa de som estava sendo utilizada por outro professor, e os alunos, por estarem no último horário, encontravam-se estressados e desmotivados a participar do experimento.

Foi possível transmitir a imagem do filme, porém a caixa de som não funcionou, impossibilitando a transmissão do áudio. Como solução, enquanto as imagens eram transmitidas, o pesquisador instigava a percepção dos alunos sobre a paisagem que apareciam, além de buscar na memória e no imaginário os sons do ambiente, mesmo sem poder ser percebido diretamente no filme.

A execução do experimento foi guiada por dois pontos a serem observados, a paisagem natural e a paisagem cultural ou humanizada presentes no filme, além de anteriormente ter revisado junto aos alunos esse conteúdo. Observou-se que, no decorrer da apresentação, os alunos participaram e interagiram. Este ponto de destaque se deve ao fato de que boa parte deles já conhecia e gostavam do filme em questão, o que facilitou a utilização e permitiu que o experimento fosse realizado.

O que se pode constatar em um primeiro momento é que há uma necessidade de melhorar os equipamentos que a escola dispõe para os professores, para que se possa desenvolver com os alunos atividades que utilizem filmes e vídeos nas aulas. Além disso, é importante construir previamente a compreensão dos estudantes sobre os conteúdos abordados no filme, para que eles tenham um entendimento claro da problemática trabalhada em aulas anteriores.

5 SUGESTÕES DE FILMES

Antes de utilizar o filme em sala de aula, é essencial discutir previamente os conteúdos geográficos que serão abordados. É fundamental questionar os alunos se já assistiram; caso afirmativo, é importante explorar com eles os temas relacionados à aula. Este espaço de diálogo sobre o filme e sua função didático-pedagógica é crucial para estabelecer conexões com os temas da aula.

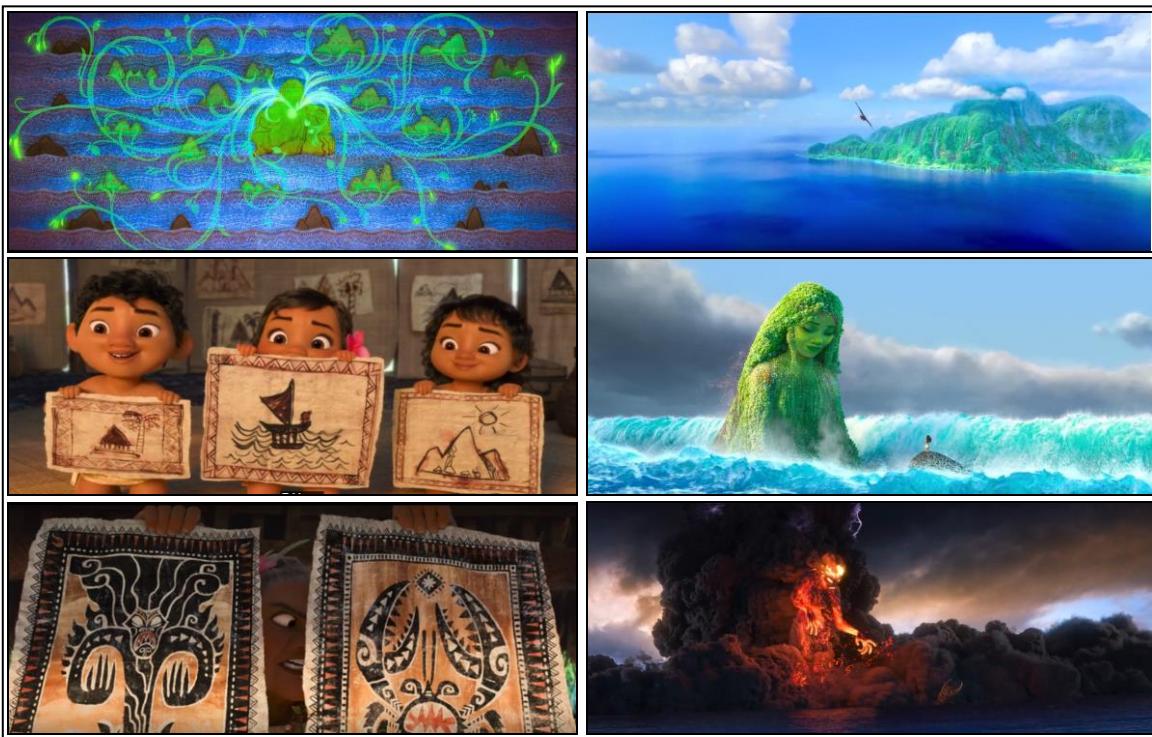
Para a aplicação prática, é fundamental criar um guia de observação. Após a exibição, abrir espaço para discussão em sala de aula, destacando pontos que podem ter passado despercebidos pelos alunos. Portanto, é essencial que o professor, como mediador do recurso didático, assista ao filme minuciosamente, identificando elementos que podem ser explorados em sala de aula.

Os filmes selecionados para estratégias de aplicação no ensino de Geografia são "Moana", "Wall-e" e o curta-metragem "Uhug Na Serra da Capivara". Estas obras cinematográficas abordam temas geográficos como paisagem e seus derivados, incluindo os impactos e consequências das transformações na paisagem.

Filme “Moana” – Elementos da paisagem: naturais, culturais e invisíveis

Moana (Figura 11), filme de 2016, conta história de Moana a filha do chefe de uma tribo, treinada para suceder a liderança dessa tribo. No decorrer do filme ela descobre a origem do seu povo, descendentes de viajantes navegadores, e sua avó conta a história do porque seu povo deixou essa tradição, uma lenda local conta que, Maui um semideus roubou o coração de “Te Fiti” da ilha mãe, espalhando uma maldição que consome a vida, e monstros surgiram e começaram a atacar as embarcações, e os chefes ancestrais para proteger o povo proibiram as navegações. A maldição se espalhou, a lenda conta que algum dia o coração será achado por alguém que vai além dos recifes, e salvara todos da tribo.

Figura 11 – Cena do filme Moana



Fonte: Costa (2023).

No filme, pode ser observado nas cenas que se passa em uma ilha paradisíaca, onde contém águas cristalinas, um relevo montanhoso, animais típicos como siri e tartaruga marinha, vegetação de floresta tropical característico de um lugar com clima quente e úmido, características essas das ilhas tropicais do oceano Pacífico, lugar em que o filme foi inspirado.

As paisagens representadas no filme “Moana” contêm também elementos invisíveis como o barulho do mar, o barulho do vento, justamente para que o telespectador se sinta imerso no mundo apresentado. A batida do tambor nas danças e músicas típicas dos povos. Além disso, a trilha sonora contém músicas na língua dos povos nativos da Oceania como os povos que vieram das ilhas da antiga polinésia como os “maori” que é justamente o povo apresentando, percebe-se pela cultura e costumes dos povos além disso o filme traz uma lenda muito conhecida por esses povos como Maui um personagem essencial na cultura maori, um semideus presente nas histórias locais, de acordo com as lendas desses povos a criação das Ilhas Norte e Sul do oceano pacífico é responsabilidade dele, como é mostrado no filme.

O longa-metragem também mostra a representação da paisagem por meio das pinturas abstratas que contém expressões artísticas da natureza local, como as montanhas, o mar, as embarcações construídas por eles, o sol e a areia.

No enredo um dos vilões: é “*Te ka*” um demônio de fogo e terra que se observado parece muito com um vulcão visto que as ilhas da Oceania se encontram no círculo de fogo que é uma região conhecida pela grande atividade vulcânica.

No filme, a avó de Moana conta a história de um herói que irá além dos recifes e irá restaurar o coração de “*Te Fiti*” uma deusa que tem o poder de criar a vida. Nota-se nessa fala que a presença de recifes de corais é um elemento predominante na paisagem do filme algo característico das ilhas da Oceania. Além disso a deusa é uma montanha que é uma das características do relevo do local.

O filme também mostra como os antigos povos polinésios utilizavam os recursos naturais ao chegarem em novas ilhas, subsistindo principalmente da pesca e agricultura, e utilizando cocos para alimentação e na construção de cestas e redes de pesca. Eram nômades e navegadores habilidosos, explorando os mares em busca de novas ilhas. Suas tatuagens tribais contam histórias de seus deuses e povos, refletindo sua crença na sacralidade da natureza, representada por deuses e monstros baseados nos elementos naturais e nos animais das ilhas.

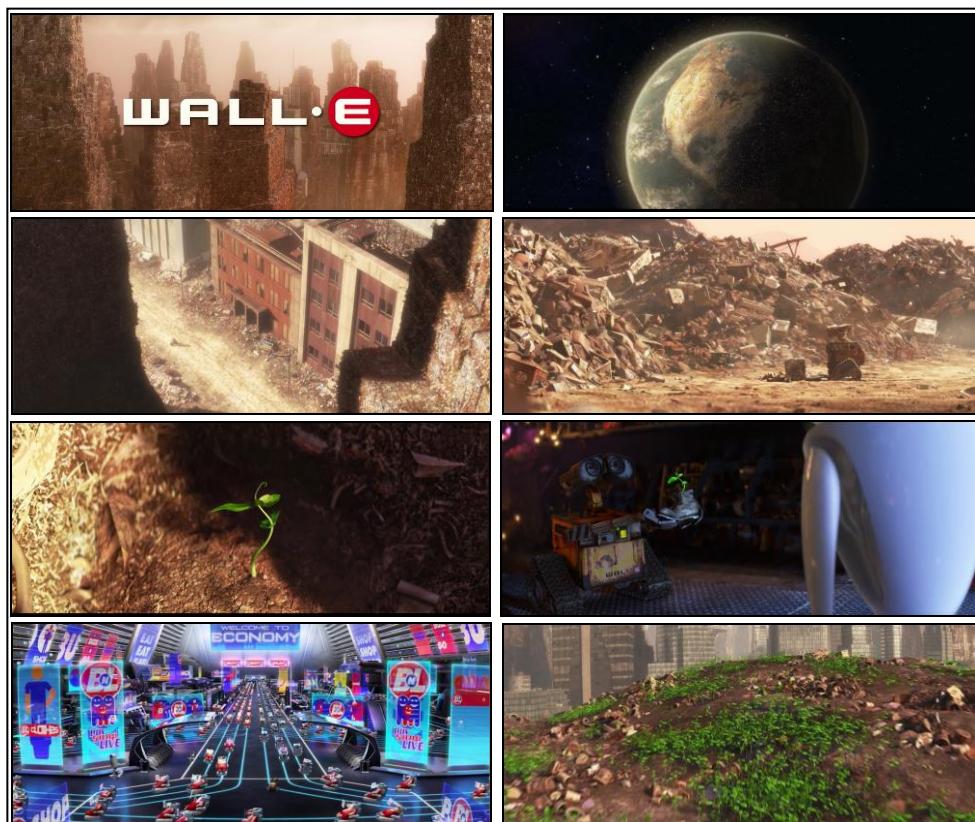
O filme oferece um retrato da cultura dos povos das ilhas da Oceania, especialmente da Polinésia, e de suas paisagens naturais. Esses elementos podem ser explorados em sala de aula, especialmente para estudantes do 6º ao 9º ano, como uma forma de compreender a Geografia e a cultura desse continente.

Filme “Wall-e” – Elementos da paisagem: paisagem humanizada.

Wall-e (Figura 12), filme de 2008, mostra uma realidade na qual a humanidade poluiu a Terra com lixo e gases tóxicos, de forma que a tornou inhabitável. O longa evidencia uma realidade em que a ação humana sobre os recursos naturais modificou e transformou a superfície terrestre drasticamente, retratando as consequências dessa ação na degradação completa da natureza e na necessidade abandonar o planeta para viver em uma nave. No enredo, Wall-e é o último robô programado para compactar o lixo existente do planeta, em um dado momento de sua coleta diária, Wall-e encontra uma planta pequena, símbolo de um novo ciclo de vida. A chegada de Eva, um robô moderno, com a missão de procurar

sinais de vegetação e condições que tornam a terra habitável, abre a possibilidade para que a humanidade retorne ao seu planeta natal.

Figura 12 – Cenas do filme “Wall-e”



Fonte: Costa (2023).

O filme aborda uma paisagem dominada pela intervenção humana, do qual prevalece uma extensa artificialização. Isso abre diversas discussões sobre o potencial transformador do ser humano na paisagem, evidenciando como o consumo desenfreado e a apropriação não sustentável modificaram drasticamente a natureza, ao ponto de questionar a própria habitabilidade terrestre.

O filme relaciona várias temáticas ligadas à transformação da paisagem pelo homem, alterando todos os aspectos visíveis e invisíveis: desde a composição atmosférica até as estruturas construídas, passando pela poluição e cenários de devastação. Também destaca a capacidade da natureza de se regenerar, embora em um período de tempo considerável, o que pode ser explorado em discussões sobre o tempo de recuperação ambiental com os alunos.

Além disso, o filme possibilita discutir diversos temas geográficos, como a dependência tecnológica no mundo contemporâneo e as dinâmicas das relações sociais.

É fundamental refletir sobre a relação entre ser humano e natureza a partir da paisagem retratada no filme, ampliando o debate sobre as transformações ocorridas e suas consequências. Isso ressalta a importância urgente de adotar práticas de vida mais sustentáveis.

Curta-metragem “Uhug Na Serra da Capivara” – Elementos da paisagem: natural do bioma da caatinga

Esse curta-metragem (Figura 13) é uma produção brasileira de 2010, dirigido por Marcos Bravo e narração de Tadeu Melo. O enredo mostra um homem das cavernas em sua aventura diária em busca de alimento, o cenário onde os eventos ocorrem remete a tempos pré-históricos, e o panorama é a Serra da Capivara, interior no Piauí.

Figura 13 – Cenas do filme Uhug Na Serra da Capivara



Fonte: Costa (2023).

O curta-metragem apresenta de forma lúdica o Parque Nacional Serra da Capivara, localizado no Piauí, contém diversos sítios arqueológicos da era pré-colombiana, além disso, protege cerca de 40% do bioma da caatinga no país. O local é uma unidade de conservação reconhecida pela Unesco como Patrimônio Mundial é tombado pelo Iphan.

A animação, embora simples, introduz a discussão sobre diversos temas da paisagem nas aulas de Geografia, contextualizado elementos característicos do bioma da caatinga, como a vegetação típica que contém cactos e plantas xerófilas.

Além disso, explora o relevo diversificado da região, como vales, serras e planícies, que se relacionam à formação geológica da região.

O curta-metragem revela várias nuances da abordagem da paisagem, seja nas suas características físicas, climáticas, na relação com a biodiversidade e a conservação, nos aspectos sociais, culturais, ou nos impactos ambientais do homem sobre o bioma da caatinga.

CONCLUSÃO

A paisagem no ensino de Geografia é essencial para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, pois parte da percepção dos elementos que estão cotidianamente ao nosso redor, elementos vistos como, formas e cores, e sentidos como, odores e sons. As práticas de ensino contemporâneas devem se adaptar continuamente, alinhada à realidade dos alunos, por meio destas trazer abordagens ativas, a exemplo dos filmes. Como já mencionado, o filme enquanto recurso didático propõe uma aproximação entre professor, aluno e conteúdo, permitindo discussão e reflexão em sala de aula sobre suas diferentes representações da paisagem.

As possibilidades de reflexão sobre a paisagem através do experimento pedagógico foram positivas. O filme em si é uma ferramenta a ser utilizada em sala de aula, servindo tanto para descontrair, como para estimular o interesse dos alunos por determinada temática, como o conhecimento da paisagem um dos conteúdos iniciais para compreensão dos outros conceitos geográficos no ensino fundamental.

Considerando a coleta e a tabulação dos dados, da entrevista com o professor, análise do livro didático e o questionário com os alunos, observa-se que os eles possuem uma compreensão boa da paisagem. No entanto, é evidente que nenhum aluno aprende de forma igual, alguns conseguem identificar melhor o que comprehende a paisagem, outros apresentam dificuldade em relacionar as definições que o livro didático apresenta com a realidade do lugar onde vivem. O livro didático, oferece uma definição objetiva da paisagem, visando construir o pensamento crítico e reflexivo dos estudantes alinhado às competências e habilidades proposta pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Através das sugestões de utilização deste recurso, como os filmes “O bicho vai pegar”, “Moana”, “Wall-e” e “Uhug Na Serra da Capivara”, podemos compreender que a paisagem caracteriza-se nos filmes por meio dos conjuntos de elementos naturais, humanizados, pela cultura e tradições expressas historicamente, pela trilha sonora e pelos sons. Proporcionam uma ampla base para discussões dessas temáticas, com o objetivo de construir o pensamento crítico dos alunos. Diante disso, destacamos a utilização do guia de observação do filme, que visa otimizar a aprendizagem dos conteúdos, permitindo aos alunos explorarem e analisarem objetivamente os elementos da paisagem.

Conclui-se que o filme é uma ferramenta que vem para somar no ensino de Geografia. No entanto, a utilização deste recurso ainda apresenta desafios, como o tempo necessário em uma aula e a disponibilidade dos equipamentos para exibição. Para superar esses desafios, é fundamental explorar estratégias que otimizem o seu uso, e quando bem utilizado pelo professor expande-se a compreensão da teoria com o filme, a partir da realidade ficcional.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil:** potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê, 2003.
- ALMEIDA, Alberto Alexandre Lima de. Revisitando os significados de Paisagem à luz da abordagens do pensamento Geográfico. **Revista Geografar** - Curitiba, v.9, n.2, p.104-120, 2014.
- BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global. Esboço metodológico. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, UFPR, n. 8, p. 141-152, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRITTO, Monique Cristine de; FERREIRA, Cássia de Castro Martins. Paisagem e as diferentes abordagens Geográficas. **Revista de Geografia – PPGE**, Juiz de Fora, v.2, n.1, p.1-10, 2011.
- CALLAI, Helena Copetti. O Estudo do Lugar como possibilidade de Construção da Identidade e Pertencimento. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2004, Coimbra. **ANAIS A questão Social do Novo Milênio**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, p. 1-10, 2004.
- CAMPOS, Rui Ribeiro de. Cinema, geografia e sala de aula. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 1-22, 2006.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais**, Belo Horizonte, p. 1-16, 2010.
- CAVALCANTI, Nayane Camila Silva; SILVA, Jeissy Conceição Bezerra da. Análise de diferentes concepções para o estudo de paisagens naturais. In: SIMPÓSIO DE ESTUDOS GEOAMBIENTAIS DO NORDESTE, 1, 2015, Caicó. **Anais** [...]. Caicó: CERES, p. 54-57, 2015.
- CONTI, José Bueno. Geografia e paisagem. Santa Maria, **Ciência e Natura**, v. 36, p. 239-245, 2014.
- FIORAVANTE, Karina Eugenia. Geografia e Cinema: a releitura dos conceitos de espaço, paisagem e lugar a partir das imagens em movimento. **Ateliê Geográfico, Goiânia**, v. 12, n. 1, p. 272-297, 2018.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. João José Saraiva da Fonseca, 2002.
- FONTANA, Felipe. Técnicas de pesquisa. Metodologia da pesquisa e do trabalho científico. Penápolis, **FUNEPE**, p. 59-77, 2018.
- JUNIOR, Reinaldo Oliveira Dantas; GÓES, Liliane Matos. A utilização do filme O Menino e o Mundo como recurso na discussão do conceito de paisagem e suas dinâmicas. **Geopauta**, v. 4, n. 1, p. 129-140, 2020.

MACIEL, Ana Beatriz Câmara; LIMA, Zuleide Maria Carvalho. O conceito de paisagem: diversidade de olhares. **Sociedade e Território**, Natal, v. 23, nº 2, p. 159-177, 2011.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, UFPR, n. 8, p. 83-91, 2004.

NEVES, Alexandre Aldo; FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. A paisagem geográfica no cinema. **Revista Percurso**, Maringá, v. 3, n. 1, p. 163-181, 2011.

NEVES, José Divino; RESENDE, Marilene Ribeiro. O experimento didático como metodologia de pesquisa: um estudo na perspectiva do “estado do conhecimento”. **XII Encontro de Pesquisa em Educação/Centro-Oeste, Goiânia. Anais do XII Encontro de Pesquisa em Educação/Centro-Oeste**, 2014.

PERON, Thiago Afonso. Ensino de geografia com obras cinematográficas: da taiga siberiana a caatinga brasileira. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA: políticas, linguagens e trajetórias*, 14, 2019, Cidade. **Anais** [...]. Campinas: UNICAMP, 2019. p. 2019-2025.

PUNTEL, Geovane Aparecida. A paisagem no ensino da geografia. **Ágora, Santa Cruz do Sul**, UNISC, v. 13, n. 1, p. 283-298, 2007.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

SANTOS, Conceição Aparecida Zanatto; BORSATO, Victor da Assunção. O estudo da paisagem e as dificuldades de aprendizagem no ensino de Geografia. **Cadernos PDE**, Campo Mourão (PR), UNESPAR, v. 2, p. 1- 22, 2014.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**: fundamentos Teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Rosselvelt, José; COSTA, Cláudia Lúcia da; KINN, Marli Graniel. Ensino de geografia e novas linguagens. *In: BUITONI, Marília Margarida Santiago (Org) GEOGRAFIA: Ensino Fundamental. Coleção Explorando o Ensino*. v. 22, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação, p. 43-60, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 24. ed. São Paulo: **Cortez**, 2017.

TOMASI, Beatriz Maria Heim; BORTOLI, Marlene Magnoli. A utilização de filmes como recurso pedagógico em aulas de química: uma abordagem contextualizada com o tema drogas lícitas. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**, Medianeira (PR), v. 8, n. 15, p. 1-16, 2017.

VOTTO, Rossandra Rodrigues; RODRIGUES, Elisângela de Felippe. O cinema no ensino de geografia: proposta de roteiro para trabalho em aula. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 8, n. 15, p. 206-224, 2017.

APÊNDICE A

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Campus “Torquato Neto”

Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL

Licenciatura Plena em Geografia

Título “Filmes como recurso didático para compreensão da Paisagem nas aulas de Geografia do 6º ano no Ensino Fundamental nos Anos Finais”

Autor: Luís Felipe de Freitas Costa

Orientador: Jorge Eduardo de Abreu Paula

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DA SALA DE AULA

| | | |
|------------------|-------|-------|
| Nome da Escola: | | |
| Nível de Ensino: | Sala: | Data: |
| Professor: | | |
| Disciplina: | | |

| ESTRUTURA DA ESCOLA | SIM | NÃO |
|---|-----|-----|
| Sala de vídeo | | |
| Biblioteca | | |
| ESTRUTURA DA SALA DE AULA | SIM | NÃO |
| A sala possui ar-condicionado. | | |
| Possui ventilador. | | |
| A escola disponibiliza equipamento para exibição de slides. | | |
| De que forma a sala é organizada | | |

| AULA - PROFESSOR | SIM | NÃO |
|---|-----|-----|
| Professor deixou claro os objetivos da aula. | | |
| Verifico o conhecimento prévio dos alunos | | |
| Despertou o interesse dos alunos. | | |
| Professor apresenta domínio do conteúdo. | | |
| Utiliza exemplos para comparar o assunto a realidade do aluno. | | |
| O professor utilizou algum método de avaliação de aprendizagem. | | |
| O professor utilizou algum recurso didático. | | |
| Utilizou conceitos básicos da geografia. | | |
| Professor abordou o conceito de paisagem de forma clara. | | |
| AULA - ALUNOS | SIM | NÃO |
| Houve a participação ativa dos alunos. | | |
| Os alunos estavam organizados. | | |
| Todos prestaram atenção no conteúdo ministrado. | | |
| Alunos tiveram dúvidas relacionadas ao conteúdo. | | |

| INTERAÇÃO EM SALA | DESCRITIVO |
|---------------------------------------|------------|
| Relação dos alunos com outros alunos. | |
| Relação professor e aluno. | |

APÊNDICE B

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Campus “Torquato Neto”

Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL

Licenciatura Plena em Geografia

Título “Filmes como recurso didático para compreensão da Paisagem nas aulas de Geografia do 6º ano no Ensino Fundamental nos Anos Finais”

Autor: Luís Felipe de Freitas Costa

Orientador: Jorge Eduardo de Abreu Paula

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Prezado (a) professor, sou discente do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, e espero contar com seu apoio quanto a participar de minha pesquisa, que tem por objetivo “Investigar o uso de filmes como recurso didático para compreensão do conceito de paisagem no ensino de geografia”, visando a realização de trabalho para conclusão do curso. Informo que sua privacidade será respeitada e nenhuma dado pessoal será publicizado. Antecipadamente agradeço sua valiosa colaboração.

| PERFIL DE IDENTIFICAÇÃO | ENTREVISTADO Nº: |
|------------------------------------|------------------|
| NOME: | |
| FORMAÇÃO / IES: | |
| TEMPO DE ATUAÇÃO GEOGRAFIA/ESCOLA: | |
| ESPECÍFICO | |

1. Qual a importância dos recursos didáticos nas aulas de Geografia?
2. Na sua concepção é importante a utilização de diferentes formas de linguagem no ensino de geografia? Justifique.
3. Quais são os recursos didáticos utilizados por você em sala de aula para o ensino de Geografia? Porque?
4. Quais as estratégias utilizadas por você na utilização desses recursos didáticos em sala de aula? Qual o objetivo de utilizar estas estratégias?
5. Você utiliza filmes/vídeos nas suas aulas? Se sim, como? Se não, porque?
6. A linguagem cinematográfica no ensino de geografia na sua perspectiva é uma ferramenta que pode contribuir para o ensino dos alunos? Justifique.
7. Como é trabalhado nas suas aulas o conceito de paisagem?
8. De que forma você acha que a linguagem filmica se alinha com a compreensão do espaço geográfico no que se refere a paisagem?

APÊNDICE C

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Campus “Torquato Neto”

Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL

Licenciatura Plena em Geografia

Título “Filmes como recurso didático para compreensão da Paisagem nas aulas de Geografia do 6º ano no Ensino Fundamental nos Anos Finais”

Autor: Luís Felipe de Freitas Costa

Orientador: Jorge Eduardo de Abreu Paula

QUESTIONÁRIO SOBRE RECURSO DIDÁTICO

Prezado (a) aluno, sou discente do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, e espero contar com seu apoio quanto a participar de minha pesquisa, que tem por objetivo “Investigar o uso de filmes como recurso didático para compreensão do conceito de paisagem no ensino de geografia”, visando a realização de trabalho para conclusão do curso. Informo que sua privacidade será respeitada e nenhuma dado pessoal será publicizado. Agradeço sua colaboração.

IDENTIFICAÇÃO

NOME: _____ IDADE: _____

NÍVEL DE ENSINO: _____ SALA: _____

1. Você gosta de assistir filmes? Porque?

2. Os seus professores costumam utilizar, filmes, vídeos, músicas nas aulas?

SIM NÃO

Com que frequência?

a. Sempre

b. Muitas vezes

c. às vezes

d. raramente

e. nunca

3. Quando o professor usa algum desses recursos em sala, você gosta? Porque?

4. Você consegue perceber em filmes elementos relacionados ao conceito geográfico da paisagem?

SIM NÃO

Se sim, cite alguns exemplos?

5. Assistir filme melhora sua aprendizagem? Se sim, Como? Se não, Porque?

APÊNDICE D

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Campus “Torquato Neto”

Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL

Licenciatura Plena em Geografia

Título “Filmes como recurso didático para compreensão da Paisagem nas aulas de Geografia do 6º ano no Ensino Fundamental nos Anos Finais”

Autor: Luís Felipe de Freitas Costa

Orientador: Jorge Eduardo de Abreu Paula

QUESTIONÁRIO DE VERIFICAÇÃO

Prezado (a) aluno, sou discente do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, e espero contar com seu apoio quanto a participar de minha pesquisa, que tem por objetivo “Investigar o uso de filmes como recurso didático para compreensão do conceito de paisagem no ensino de geografia”, visando a realização de trabalho para conclusão do curso. Informo que sua privacidade será respeitada e nenhuma dado pessoal será publicizado. Agradeço sua colaboração.

IDENTIFICAÇÃO

NOME: _____ IDADE: _____

NÍVEL DE ENSINO: _____ SALA: _____

1. O que compreende a paisagem natural?

2. O que caracteriza a paisagem humanizada ou cultural?

3. Identifique a seguir elementos da paisagem naturais (N) e culturais (C).

- () Rio
- () Poste de energia
- () Solo
- () Rua
- () Casa
- () Animais
- () Montanhas.
- () Florestas.
- () hidrelétrica.
- () Shopping.

4. A paisagem é formada por um conjunto de elementos que são visíveis e invisíveis.

Descreva de forma clara e sucinta esses elementos da paisagem do lugar onde você mora

APÊNDICE E

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Campus “Torquato Neto”

Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL

Licenciatura Plena em Geografia

Título “Filmes como recurso didático para compreensão da Paisagem nas aulas de Geografia do 6º ano no Ensino Fundamental nos Anos Finais”

Autor: Luís Felipe de Freitas Costa

Orientador: Jorge Eduardo de Abreu Paula

ROTEIRO DE ANALISE DO LIVRO DIDÁTICO

| Dados de identificação do livro didático | | |
|--|-----------------|----------------|
| Nome: | | |
| Autor (s): | | |
| Formação do Autor (s): | | |
| Editora: | Coleção: | Volume: |
| Local: | Ano: | |
| Nível de ensino: | | |
| Unidades e Capítulos: | | |
| Referência: | | |
| A concepção de geografia abordada no livro | | |
| Identificação dos conteúdos relacionados a Paisagem: | | |
| A - ANÁLISE DO CONTEÚDO TEÓRICO | | |
| PARÂMETROS | NÃO | SIM |
| Apresenta conceitos científicos fundamentais da Paisagem. | | |
| Adequação ao nível de escolaridade. | | |
| Clareza na definição conceitual da Paisagem. | | |
| Descrição: | | |
| B - ANÁLISE DO CONTEÚDO TEÓRICO | | |
| PARÂMETROS | NÃO | SIM |
| Apresenta textos complementares. | | |
| Considera os conhecimentos prévios dos alunos sobre Paisagem. | | |
| Permite que o aluno e professor contextualizem o tema da Paisagem. | | |
| Descrição: | | |
| ANÁLISE DAS ATIVIDADES DO LIVRO | | |
| PARÂMETROS | NÃO | SIM |
| Propõe questões no final do capítulo. | | |
| Enfoque multidisciplinar das atividades propostas no livro. | | |
| Facilidade na execução das atividades. | | |
| A atividade propõe ligação direta com o conteúdo trabalhado | | |
| Possui fontes complementares de informação. | | |
| Estimula a utilização de tecnologias. | | |
| Descrição: | | |
| ANÁLISE DOS RECURSOS VISUAIS | | |
| PARÂMETROS | NÃO | SIM |
| Apresenta ilustrações. | | |
| Relaciona com as informações contidas no texto. | | |
| Possibilidade de contextualização. | | |
| Descrição: | | |

ANEXO A1

ATIVIDADES DO LIVRO DIDÁTICO

atividades

NÃO ESCREVE
NO LIVRO

- Para a Geografia, o que é paisagem? Ela é composta de elementos naturais e culturais.
- Imagine uma paisagem com elementos transformados por atividades humanas, como um bairro, uma lavoura, uma casa no campo etc.
 - Faça um desenho da paisagem que você imagina.
 - Em seguida, imagine o que era a paisagem antes de ser transformada por atividades humanas.
 - Faça um novo desenho da paisagem, agora sem os elementos transformados pelas atividades humanas.
 - Por fim, compare os seus desenhos com os dos colegas e converse com eles sobre as semelhanças e as diferenças que vocês encontraram entre os desenhos.
- Observe as imagens abaixo. Depois, responda às questões no caderno.

Reprodução autorizada ao uso do professor para aulas e atividades de sala de aula.



3. a) Nas duas imagens é possível observar a predominância de elementos culturais.

b) Na fotografia de cima, há casas baixas, ruas de paralelepípedo, trilhos do bonde. Já na fotografia abaixo, é possível observar muitos prédios comerciais e residenciais, ruas asfaltadas, semáforos e automóveis.

c) A demolição de alguns edifícios para a construção de outros, o crescimento das árvores e a maior presença de automóveis podem ser observados. Como resultado, a igreja Nossa Senhora da Penha e de estruturas de iluminação pública podem ser Paulo, SP (1925), apontadas como permanências entre os dois momentos fotografados.

d) As mudanças nas paisagens revelam que as relações e as funções do bairro se alteraram. Esta parte do bairro, no início do século XX, era predominantemente residencial e sua paisagem era constituída basicamente de poucas casas térreas. Nos dias atuais, a principal função dessa parte do bairro é comercial.

Igreja Nossa Senhora da Penha de França, São Paulo, SP (2016).

- Há predominância de elementos naturais ou culturais nas imagens?
- Que elementos podem ser observados em cada uma das paisagens retratadas?
- Aponte as mudanças e as permanências.
- Pelas características observadas nas paisagens das fotografias, pode-se dizer que as funções do bairro nos dias de hoje são as mesmas e antigamente?

Capítulo 1 Paisagem, espaço e lugar 23

NÃO ESCREVE
NO LIVRO

- Respostas pessoais. As pessoas entrevistadas podem relatar transformações naturais e culturais da paisagem, apontando para as influências dessas transformações na vida das pessoas.

- Converse com seus familiares e com pessoas de sua comunidade sobre as transformações ocorridas na paisagem do lugar onde você mora ou estuda. De acordo com as pessoas com quem você conversou, responda às questões.
 - O que mudou nessa paisagem ao longo dos anos?
 - Quais elementos da paisagem existiam antes e agora não existem mais? Quais elementos passaram a existir?
 - Algum lugar teve sua função alterada? Por exemplo, um local residencial no passado se transformou em um comércio hoje?
 - As transformações alteraram a rotina das pessoas?
 - Se possível, pesquise uma fotografia da sua comunidade no passado e uma na atualidade. Compare as duas e, depois, escreva em seu caderno quais foram as transformações observadas na paisagem. Se não for possível encontrar uma imagem antiga, faça um desenho com base nas respostas que você obteve para representar a paisagem do passado da sua comunidade. Depois, faça um desenho da paisagem atual e compare-as.

- Os espaços têm diferentes formas ou funções de acordo com as atividades que nelas se desenvolvem. Por exemplo, a casa pode ser espaço de moradia, ter a forma de um sobrado e a função de oferecer abrigo e conforto. Com base nessa ideia, responda:
 - Quais são as funções das fábricas, dos hospitais e das praças? Em geral, qual é a forma de cada um desses espaços?
 - Cite outro espaço que você frequenta. Na sua opinião, para que ele foi criado?

- Observe a fotografia abaixo e responda às questões.



Pequena vila às margens do rio Mosel, Alemanha (2018).

Reprodução autorizada ao uso do professor para aulas e atividades de sala de aula.

- Essa fotografia retrata uma paisagem natural ou humanizada? Justifique sua resposta, identificando as características da paisagem retratada na imagem.
- De que forma podemos observar a interação do ser humano com a natureza?

24

Unidade 1 – A Geografia e a compreensão do mundo

ANEXO A2

ATIVIDADES INTEGRAR CONHECIMENTO

integrar conhecimentos
Geografia e História

OS PRIMEIROS POVOS QUE HABITARAM O LITORAL DE SANTA CATARINA

O município de Laguna, no estado de Santa Catarina, foi habitado por diversos povos. Alguns compartilharam o mesmo ambiente, outros não. Os primeiros povos que ocuparam o território litorâneo do município foram os sambaquiros, que ali permaneceram pelo menos 4.000 anos.

Os sambaquis são [foram] construídos pelos sambaquiros, também conhecidos como pescadores-coletores, que viveram há muito tempo, principalmente no litoral sul brasileiro. Nesta região, há sambaquis que foram construídos há mais de 6.500 anos. É muito tempo, não é mesmo? São os sítios arqueológicos mais antigos do litoral sul de Santa Catarina.

Sua principal característica são as muitas conchas que os compõem, por isso sua denominação originada do tupi-guarani *Tomba* = conchas e *Ki* = amontoado.

Normalmente, estes sítios possuem forma arredondada e são de vários tamanhos – alguns chegam a ter mais de 30 metros de altura, como o sambaqui da Gamela, no bairro de Campos Verdes, Laguna. Os sambaquis, geralmente, eram construídos a redor da lagoa, pois os povos que os habitavam eram pescadores-coletores e viviam dos recursos alimentares oferecidos por este ambiente.

Os povos sambaquiros viviam em sociedade e produziam seus artefatos a partir de ossos de animais, como anéis, espátulas, agulhas etc. Um artefato que se destaca nesta cultura é o zoólito, valorizado por sua beleza e raridade.

Uma das funções do sambaqui era servir para o desenvolvimento de cerimônias, pois lá sepultavam seus mortos. Também serviam para marcar território.

CLAUDINO, Daniela da Costa; FARIA, Déisi S. *Eloy de Arqueologia e preservação: sambaqui do Morro do Peroba*. Florianópolis: San ed, 2009. p. 11.

Sítio arqueológico
Local onde foram encontrados vestígios de seres humanos que ali estiveram no passado.

Zoólito
Escultura em forma de animal feita de pedra.

Conchas de sambaqui
Sítio arqueológico Ponta da Garopaba do Sul, em Jaguariaíva, SC (2017).

Questões

- De acordo com o texto, há quantos anos os povos sambaquiros habitaram a região Sul do Brasil?
- O que são os sambaquis? Quais características dos sambaquis descritas no texto podemos observar na fotografia acima?
- Quais eram as funções dos sambaquis?

Fonte: Daniela da Costa, Déisi S. Eloy de Arqueologia e preservação: sambaqui do Morro do Peroba. Florianópolis: San ed, 2009. p. 11.

28 Unidade I – A Geografia e a compreensão do mundo

ANEXO A3

ATIVIDADES LUGAR E CULTURA

lugar e cultura

A ARTE E O TRABALHO NAS MARGENS DO RIO SÃO FRANCISCO

Nas cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), separadas pelo rio São Francisco, peças artesanais conhecidas como caranças expressam a história e a identidade de parte da população.

As caranças são esculturas talhadas em madeira e têm como principal característica a fisionomia que mistura traços humanos e animais. As primeiras caranças, surgidas no final do século XIX, adornavam a proa (parte dianteira) das embarcações que percorriam o rio São Francisco. Há pelo menos duas versões para a origem dessas cabeças esculpidas. A primeira sugere que eram utilizadas como elementos decorativos para chamar a atenção da população para os barcos que se aproximavam trazendo mercadorias. A segunda versão afirma que sua função era proteger as embarcações dos perigos e dos maus espíritos dos rios, que supostamente tomavam canoas e navios.

Pode-se identificar a influência das culturas europeia, indígena e africana na construção das caranças. A crença de proteção atribuída pelos navegantes a esse artefato pode ser relacionada à influência dos cristãos portugueses. Elementos africanos e indígenas podem ser percebidos na fisionomia das cabeças: cores fortes, como vermelho e preto, são muito utilizadas no artesanato de origem africana, e os cabelos lisos, longos e escuros aproximam as características físicas dos indígenas brasileiros. A ideia da presença de espíritos malignos nas águas do rio também é um traço marcante nos mitos indígenas.

Hoje, as caranças permanecem na cultura popular sob a forma de objetos artísticos de decoração. O artesanato é uma das fontes de renda da população e um modo de preservar sua identidade.

Questões

- Que elementos naturais e culturais contribuíram para a origem das caranças? Como elas marcam a identidade dos lugares onde foram criadas?
- Atualmente, qual é a importância das caranças para as comunidades que as produzem?
- Tente se lembrar de algum tipo de artesanato que você já tenha visto. Indique o lugar de origem dessa peça artesanal e reflita sobre possíveis aspectos culturais envolvidos no seu processo de produção.

Fonte: Daniela da Costa, Déisi S. Eloy de Arqueologia e preservação: sambaqui do Morro do Peroba. Florianópolis: San ed, 2009. p. 11.

22 Unidade I – A Geografia e a compreensão do mundo

ANEXO A4

ATIVIDADES EM PRÁTICA

OS PLANOS DAS PAISAGENS

Fotografias podem registrar aspectos visuais da paisagem que revelam características do espaço geográfico. Cada fotografia marca um momento determinado da interação da sociedade com a natureza, mostrando fatos de sua origem, evolução, permanência ou mudança.

Para compreender as paisagens, podemos decompor a fotografia em planos sucessivos.

Esses planos são formados pelas unidades de paisagem mais significativas. Por exemplo, a fotografia acima pode ser dividida em três planos. No primeiro plano (1), há pessoas observando a cidade. No segundo plano (2), está parte da cidade com sua ponte e seus edifícios. No terceiro plano (3), vemos o oceano e o céu.



- Agora, vamos ler a fotografia

1. Que elementos, naturais e humanizados, podem ser observados em cada um dos três planos da fotografia?

2. Que tipo de paisagem a fotografia em seu conjunto representa?

3. Espanse que os estudantes indiquem que, apesar de a paisagem ser composta por elementos humanos e zelados e de elementos naturais, os elementos humanos são zelados e permanecem, apontando para uma paisagem humanizada.

Unidade 1 - A Geografia e a representação do mundo

ANEXO A5

ATIVIDADES MUNDO EM ESCALAS

mundop em escala

POLUIÇÃO DOS RIOS E MARES POR MERCÚRIO

A partir da leitura dos textos a seguir, vamos refletir sobre como a contaminação das águas dos rios por metais pesados provenientes da mineração pode afetar as águas dos oceanos e, consequentemente, atingir outros locais do planeta.

Corrida bilionária pelo ouro na Amazônia deixa rastro de destruição
Garimpeiros ilegais despejam mais de 30 toneladas de mercúrio letal nos rios da Amazônia todos os anos, envenenando peixes e causando danos cerebrais a pessoas que vivem a quilômetros de distância da jusante, de acordo com o *Carnegie Amazon Mercury Project*, um grupo de estudos científicos dos EUA.

CORRIDA bilionária pelo ouro na Amazônia deixa rastro de destruição. *Época*, 7 jul. 2017. Disponível em: <<http://epocaespeciais.globo.com/Brasil/noticia/2017/07/corrida-bilionaria.html>>.

1. Atividades de garimpo utilizando mercúrio. A atividade pode gerar impactos mais distantes à medida que o metal é carregado pelas águas e se dissolve pelas

Jusante é a direção que o metal e carregado nas cadeias alimentares.



Garimpo de exploração de ouro realizado no rio Madeira, Nova Aripuana, AM (2016).

Contaminação por mercúrio dobra nos mares em cem anos, diz estudo

Uma série de nove estudos elaborados por uma equipe de 70 cientistas especializados em vida marinha indica que peixes, crustáceos e demais animais de oceanos do planeta estão cada vez mais sendo contaminados por mercúrio lançado no ar pelo homem, que acaba depositado nas águas marítimas.

Em cem anos, ao longo do século 20, a poluição na superfície dos mares pelo metal mais do que dobrou, apontam as pesquisas [...].

- Disponível em: <<http://ig.globo.com/natureza/noticia/2012/12/contaminacao-mercurio-dobra-nos-mares-em-cem-anos-dito-expert.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

 - 1 Qual atividade ilegal tem sido praticada nos rios da Amazônia? Essa atividade pode produzir impactos em locais mais distantes?
 - 2 Faça uma pesquisa em livros, revistas, jornais na internet e responda: Como o mercúrio pode intoxicar os animais? Que problemas a ingestão de mercúrio pode causar aos seres humanos?
 - 3 O mercúrio pode intoxicar animais quando se alimentam a compactos orgânicos e passa a se acumular nos diferentes níveis da cadeia alimentar. A intoxicação por mercúrio pode causar danos ao sistema nervoso do organismo.

18 Unidade I – A Geografia e a compreensão do mundo

ANEXO A6

ATIVIDADES SER NO MUNDO


ser no mundo

USINAS HIDRELÉTRICAS E AS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM

A construção de uma hidrelétrica muitas vezes afeta não somente as condições naturais da região, como também o modo de vida dos povos que ali habitam. A seguir, conheça o exemplo da Usina Hidrelétrica de Belo Monte.

Construída no rio Xingu, no estado do Pará, a Usina Hidrelétrica de Belo Monte é, no ano de 2018, a maior usina nacional do Brasil e a terceira maior do mundo. Ela tem a capacidade de gerar energia para 60 milhões de pessoas, o equivalente a 40% do consumo residencial de todo o país. Apesar de sua importância em termos energéticos, sua construção foi bastante controversa. Leia os trechos das reportagens e observe as fotografias.

... O Brasil está prestes a ver mais um reservatório de usina hidrelétrica ocupar espaço que antes eram destinados a múltiplos usos. A história se repete, com nuances de diferenças e muitas similaridades. A hidrelétricidade é apontada como uma das energias ambientalmente mais limpas do planeta, no entanto, não se pode dizer o mesmo de seus impactos sociais. A hidrelétrica de Belo Monte está instalada em uma das regiões de maior biodiversidade do Brasil, muito próxima ao Parque Indígena do Xingu e de Altamira, cidade que sempre foi um portal para a Amazônia [...].

MARCONDES, Dal. Belo Monte, uma usina de promessas. *CartaCapital*, 29 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/belo-monte-uma-usina-de-promessas-8007.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2017.



Volta Grande do Xingu antes da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, em Altamira, PA (2012).

NÃO ESCRIVAS
NO LIVRO

... “Viver hoje do Rio Xingu é impossível, não tenho chance nenhuma. As pessoas vivem bem e hoje vegetam, não é vida digna”, comenta Raimunda Gomes da Silva ao passar pelos pedrões da Volta Grande, após o barramento do rio. Quase um ano após o fechamento das comportas para a criação do lago artificial que vai gerar a energia da hidrelétrica de Belo Monte, as populações indígenas e ribeirinhas sentem e denunciam os impactos em seus modos de vida: dificuldade em navegar por trechos do rio, desaparecimento de locais de pesca tradicionais, aumento de pragas, diminuição e morte de peixes. [...]

BELO MONTE, o que fizeram de nós? Instituto Socioambiental, set. 2016. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/pt-br/espacial/belo-monte/o-que-fizeram-de-nos>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

1 Observando as fotografias, a construção da barragem causou que tipo de transformação nas paisagens naturais?

2 Além das transformações nas paisagens naturais, qual foi a outra transformação observada após a construção da barragem? Explique.

3 Podemos dizer que algumas transformações na paisagem podem alterar a identidade de um lugar? Sintetize as características do lugar pode mudar a forma com que seus habitantes interagem com o espaço em que vivem. Então, podemos afirmar que as transformações da paisagem podem alterar a identidade de um lugar.



Volta Grande do Xingu durante a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, em Altamira, PA (2014).

NÃO ESCRIVAS
NO LIVRO

32 Unidade I – A Geografia e a compreensão do mundo

33

ANEXO A7

ATIVIDADES PARA REFLETIR


para refletir

QUAIS SÃO OS ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DAS AÇÕES HUMANAS NA TRANSFORMAÇÃO DAS PAISAGENS, EM DIFERENTES TEMPOS?

Vimos, ao longo dos capítulos anteriores, que as paisagens com predomínio de elementos naturais e culturais estão em constante transformação, ora pela ação da natureza, ora pela ação do ser humano. O resultado dessa interação constitui o espaço geográfico, que pode ser registrado e representado de diferentes formas.

A praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, é um dos locais mais conhecidos do Brasil. As reconstituições da paisagem (na sequência de imagens) e o texto da dupla de páginas desta seção buscam retratar as transformações ocorridas no bairro de Copacabana entre os anos de 1893 e 2007.

1 

2 

3 

NÃO ESCRIVAS
NO LIVRO

1. Entre as imagens 1 e 4 é possível perceber a gradual diminuição das áreas de vegetação. Parte do relevo também deixa de ser visto em decorrência da construção de edifícios.

2. Entre as imagens 1 e 4 foram inseridas na paisagem diversas construções, vias de circulação, áreas de calçamento e estruturas de transmissão de energia elétrica, além de anfiteatros.

3. Respostas pessoais. Espera-se que os estudantes percebam algumas transformações impostas nos lugares de vivência deles, considerando o protagonismo do trabalho humano nessas transformações.

4 

Nas reconstituições da paisagem de 1 a 4, vemos a transformação, na paisagem da praia de Copacabana, município do Rio de Janeiro, RJ, ao longo de 114 anos (1893 a 2007).

Copacabana faz 120 anos e ganha presentes declarções de amor

Nos últimos 120 anos, o areal inóspito que ficava entre o mar e a montanha deu lugar a centenas de prédios ocupados por 161 mil habitantes que Copacabana possui hoje em dia. [...]

Natural da cidade do Porto, em Portugal, Fernando Póloia chegou ao Rio de Janeiro em 1953, uma semana antes do carnaval. Aos 23 anos e com inúmeros sonhos, Fernando se apaixonou por Copacabana à primeira vista. “A beleza da sua praia e seu contorno geográfico eram um desenho tão perfeito que só podiam ser traçados pelas mãos de Deus”, afirma Póloia, lembrando que o ritmo do carnaval de sua foi o princípio do seu encantamento por Copacabana.

Naquele época, Fernando lembra que a Avenida Atlântica só tinha o Copacabana Palace e algumas casas, e os nômadas costumavam passar de milhas dadas pela orla. “Conheci minha mulher em Copacabana. A maior diversão na época era passar no calçadão e ir aos famosos cinemas do bairro. Um dos maiores frequentados era o Metró, e só por quem ia assistir aos filmes, mas também para as pessoas que queriam se refrescar. Naquele tempo, poucas casas tinham ar-condicionado e o Metró era um dos melhores”, diz Fernando. Em função disso, a porta dos cinemas acabava virando ponto de encontro de jovens, segundo ele.

CARNAVAL, Janaína. Copacabana faz 120 anos e ganha de presente declarações de amor. *O Globo*, 6.jul. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/no-de-janeiro/noticia/2012/07/copacabana-faz-120-anos-e-ganha-de-presente-declaracoes-de-amor.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

1 Quais elementos naturais desapareceram na paisagem entre a imagem número 1 e a número 4?

2 Quais elementos culturais foram inseridos na paisagem entre as imagens 1 e 4?

3 Existem semelhanças entre o bairro de Copacabana e o lugar onde você mora? Você já ouviu relatos de outras pessoas sobre transformações na paisagem do lugar onde vive? Quais?

4 Qual das imagens melhor representa a praia de Copacabana retratada na declaração de Fernando Póloia? A imagem 2 é que melhor representa a praia de Copacabana retratada na declaração de Fernando Póloia? Por que? Por que a Avenida Atlântica rodava por poucas construções, e não sofreu grandes transformações. Quais são os aspectos positivos e negativos dessa transformação? Respostas pessoais. É possível que os estudantes apontem como transformações positivas da paisagem a melhoria das vias de circulação e das estruturas de moradia, comércio e serviço, e que apontem como transformações negativas a exaltação verticalização e destruição da cobertura vegetal original.

NÃO ESCRIVAS
NO LIVRO

44

45